

# MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio  
Porto Alegre, sexta-feira, 29 de setembro de 2023

3ª edição

Região Norte  
Nordeste Colonial  
Fronteira Noroeste  
Missões  
Celeiro  
Produção  
Médio Alto Uruguai  
Nordeste  
Rio da Várzea  
Alto da Serra do Botucaraí

## Agro impulsiona novos negócios no Norte do Rio Grande do Sul

Proteína animal para exportação, grãos que viram energia, máquinas agrícolas e indústria diversificada estimulam o desenvolvimento econômico do Estado



## Carta do editor

## Demandas das regiões para o RS crescer



**Guilherme Kolling**  
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O Mapa Econômico do Rio Grande do Sul é um projeto ambicioso, considerando a riqueza e a diversidade da economia do Estado. Mas também é um desafio a que nos propusemos nos 90 anos do Jornal do Comércio porque está em linha com o nosso trabalho do dia a dia.

Como diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul, ao publicar matérias sobre novos negócios e empreendimentos, o Jornal do Comércio está, de certa forma, fazendo um raio-X da economia gaúcha a cada edição.

Em uma dimensão maior, ao longo do ano, publicamos conteúdos especiais sobre setores da economia gaúcha, aprofundando temas e revelando tendências.

O caráter de formulação está em apresentar informações novas ao grande público, permitindo pensar e projetar o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

Isso é possível através de um trabalho de jornalismo de dados, em que juntamos e analisamos informações, em alguns casos publicadas ao longo do tempo isoladamente. A partir dessa “visão da floresta”, de conjunto dos dados, conseguimos trazer novas informações.

Um exemplo é a pesquisa Marcas de Quem Decide, que revela anualmente a preferência e a lembrança de marcas em 75 setores da economia gaúcha, há 25 anos. A evolução desse mapeamento de marcas permite ver as transformações no mercado ao longo do tempo.

Outro exemplo desse trabalho de dados é o nosso Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul. Ele começa no dia a dia, já que, em quase todas as suas edições, o Jornal do Comércio publica informações de novos empreendimentos em solo gaúcho: uma rede de varejo que abre novas unidades, uma indústria que expande a produção, uma estrada que é ampliada, um parque eólico que é instalado.

Olhando essas notícias de

Esse é o terceiro especial da série Mapa Econômico do RS, contando sempre com a contribuição de lideranças locais

forma pontual, no dia, trata-se apenas de mais um dado, a iniciativa de uma empresa, de uma prefeitura, de um governo, de uma cooperativa... Evidentemente, tem seu valor para o setor e para o momento em que acontece.

Agora, quando reunimos todos os dados, todas as notícias de investimentos realizados em um determinado lugar, no nosso caso, em solo gaúcho, temos um panorama completo dos aportes feitos. E aí trazemos um indicador novo, que é a soma dos investimentos no Rio Grande do Sul anunciados ou realizados ao longo de um ano.

Em 2022, por exemplo, na quinta edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, mapeamos 300 aportes anunciados ou realizados no Estado, pela iniciativa privada ou pelo poder público. E identificamos a cifra total de R\$ 62 bilhões de investimentos no Rio Grande do Sul.

Trata-se de um indicador, que pode ser comparado com os anos anteriores, já que o Anuário já teve cinco edições. E também pode ser analisado regionalmente – quanto cada região recebeu de investimentos.

Esses casos ilustram a importância estratégica de informações e indicadores para nortear decisões e saber onde estamos e para onde vamos.

De uma certa forma, é o objetivo desse projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

Trazer novos indicadores, tão importantes para uma visão de futuro. Identificar oportunidades e ver os desafios.

E como estamos fazendo esse mapeamento? Esse projeto é pensado desde o ano passado e foi implementado no início deste ano, com entrevistas de empresários e economistas, análise de dados, consulta a relatórios de entidades empresariais e de órgãos públicos, tudo isso para fazer um mapa da economia do Rio Grande do Sul.

Além disso, estamos realizando encontros regionais para ouvir as lideranças locais dos mais diferentes setores, sobre desafios e oportunidades para o desenvolvimento econômico. Desta forma, descobrimos as demandas locais para que o Estado possa crescer.

Dividimos o Rio Grande do Sul em cinco grandes regiões, reunidas conforme semelhanças e proximidade geográfica:

- 1 Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste;
- 2 Regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí;
- 3 Regiões Norte, Noroeste e Missões;
- 4 Região da Serra e dos Campos de Cima da Serra;
- 5 Região Metropolitana, Litoral e Vale do Sinos.

Nos três eventos até aqui realizados – em Pelotas, em 23 de junho; em Santa Cruz do Sul em 3 de agosto; e em Passo Fundo no dia 13 de setembro – ficou evidente a importante

contribuição de lideranças regionais para apontar os caminhos do desenvolvimento econômico.

Nos próximos meses, serão realizados eventos em Caxias do Sul (24 de outubro) e em Porto Alegre (20 de novembro). A cada edição, além do painel regional, publicamos um caderno como este, que circula hoje no JC, com o detalhamento das cadeias produtivas e da economia dessas regiões.

Esse é o terceiro conteúdo especial da série, com um mapa das principais atividades da parte Norte do Estado, englobando as regiões Missões, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Celeiro, Norte, Médio Alto Uruguai, Produção, Nordeste, Alto da Serra do Botucaraí e Rio da Várzea.

É uma parte do Rio Grande do Sul em franco crescimento econômico e populacional, puxado pelo agro, mas também referência em saúde e com importantes polos de inovação e da indústria. Evidentemente, a economia dessas regiões é diversa e tem muitas outras potencialidades, como mostraremos ao longo desse especial.

Finalmente, cabe observar que a economia está sempre em transformação, o que permite projetar esse trabalho do Mapa Econômico seguirá ao longo dos anos, mostrando as mudanças nas regiões e, de forma comparativa, trazendo tendências e indicadores.

Boa leitura!

## EXPEDIENTE

## ■ Editor-Chefe:

Guilherme Kolling  
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

## ■ Editor-executivo:

Mauro Belo Schneider  
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

## ■ Editora de Economia:

Fernanda Crancio  
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

## ■ Reportagem:

Eduardo Torres, Bárbara Lima  
e Guilherme Kolling

## ■ Projeto gráfico e diagramação:

Luís Gustavo Van Ondheusden

## ÍNDICE

<i>Demandas das regiões para o RS crescer</i>	<b>página 2</b>	<i>O terceiro maior polo metalmeccânico do RS</i>	<b>páginas 20 e 21</b>
<i>A divisão do Estado em cinco regiões</i>	<b>página 4</b>	<i>Força das cooperativas impulsiona o campo</i>	<b>página 22</b>
<i>Dados sobre a população e o PIB</i>	<b>páginas 6 a 9</b>	<i>Produção suína tipo exportação</i>	<b>página 23</b>
<i>Norte do Estado atrai novos investimentos</i>	<b>páginas 10 e 11</b>	<i>O brilho das pedras preciosas</i>	<b>página 23</b>
<i>Grãos são transformados em biodiesel</i>	<b>páginas 12 e 13</b>	<i>A maior bacia leiteira do Estado</i>	<b>página 24</b>
<i>Terreno preparado para a indústria</i>	<b>página 14</b>	<i>Polo de inovação e referência em saúde</i>	<b>página 26 e 27</b>
<i>A tradição na produção de erva-mate</i>	<b>página 15</b>	<i>Energia do Rio Uruguai, pontes e estradas</i>	<b>páginas 28 e 29</b>
<i>Um mapa de oportunidades</i>	<b>páginas 16 e 17</b>	<i>Destaques no painel Mapa Econômico</i>	<b>página 30</b>
<i>Berço da soja e referência em máquinas agrícolas</i>	<b>páginas 18 e 19</b>	<i>Turismo nas Missões e no Salto do Yucumã</i>	<b>página 31</b>

# GOVERNO DO ESTADO INVESTE NO DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES NORTE, NOROESTE E MISSÕES.

O governo do Estado marca sua presença no Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

**Com recursos que chegam a um total de mais de R\$ 1,4 bilhão, diversos municípios recebem investimentos, garantindo à população que suas necessidades sejam atendidas e fazendo a economia girar.**



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**

O futuro nos une.



## Reportagem Especial

## A divisão do Estado em 5 grandes regiões

## Mapa Econômico do RS segue critério da Secretaria de Planejamento do Estado

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

A radiografia regionalizada da economia do Rio Grande do Sul é instrumento permanente para pesquisadores, economistas, governos e potenciais investidores.

Ao completar 90 anos de circulação, o Jornal do Comércio está elaborando um mapeamento da economia do Estado em cinco especiais com grandes reportagens.

O terceiro, nesta edição, aborda as regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Produção, Nordeste, Alto da Serra do Botucaí e Rio da Várzea.

As características geográficas, culturais e históricas do Rio Grande do Sul não são uniformes. Por isso, pensar a economia do Estado exige identificar os vários territórios entre os 497 municípios gaúchos, com seus 21,7 mil quilômetros quadrados.

Além disso, radiografar a economia do Rio Grande do Sul de maneira regionalizada, para que se possa compreender cada característica e potencial local, é uma tarefa permanente.

“O Estado tem, entre as suas atividades econômicas, muitas especialidades bastante distintas entre si. Tratar a análise econômica e todo o planejamento de forma regional é a maneira mais adequada de levarmos em consideração, por exemplo, as vocações locais, que respeitam fatores históricos, climáticos e ambientais, como fluxos populacionais específicos, que condicionam a forma como se deu o desenvolvimento de uma determinada região, e qual a tendência futura”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Rodrigo Feix.

Compreen-

der estas nuances é essencial na elaboração de políticas de desenvolvimento pelo governo, mas também elemento fundamental para a iniciativa privada em busca de maior eficiência em potenciais investimentos no Rio Grande do Sul.

Em cada região analisada, o mapeamento trará características locais e potencialidades de indústria, agricultura, serviços, varejo e investimentos em infraestrutura. Serão apresentadas as principais iniciativas em cada um destes setores.

Para a divisão de regiões, foi adotado o critério estabelecido

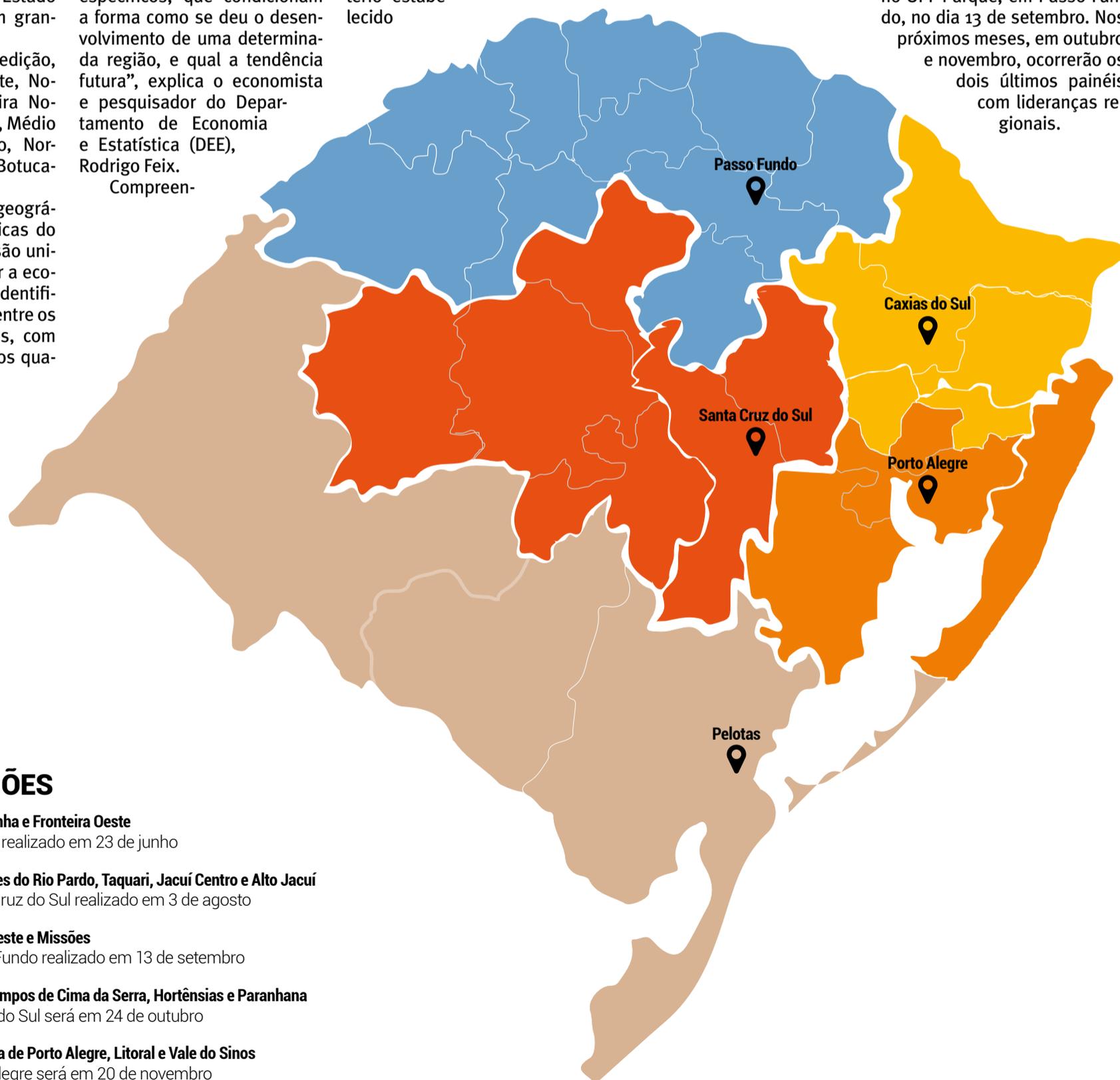
pela Secretaria do Planejamento do Estado, que divide o Rio Grande do Sul em nove regiões funcionais. Elas foram agrupadas em cinco regiões, de acordo com afinidades e proximidade geográfica.

Para o economista Rodrigo Feix, esta forma de organização considera a regionalização “de baixo para cima”, e permite uma melhor percepção das diferenças locais, muitas vezes não perceptíveis a um olhar distante, na economia gaúcha.

“Muitas vezes um movimento leva algum tempo a mais para ser percebido

por um mapeamento, por isso, quando se trata da análise regional, cruzamos diversos aspectos, com tempo de resposta às ações governamentais ou privadas mais curtos ou longos em nossas análises”, explica.

Cada capítulo deste trabalho será acompanhado de painéis regionais, em que lideranças dos diversos setores são ouvidas para apontar rumos e desafios. O primeiro encontro ocorreu em 23 de junho, em Pelotas. A segunda edição foi realizada em Santa Cruz do Sul, no dia 3 de agosto. E a terceira, tema deste especial, aconteceu no UPF Parque, em Passo Fundo, no dia 13 de setembro. Nos próximos meses, em outubro e novembro, ocorrerão os dois últimos painéis com lideranças regionais.



## AS CINCO REGIÕES

- **Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste**  
Evento em Pelotas realizado em 23 de junho
- **Regiões Central, Vales do Rio Pardo, Taquari, Jacuí Centro e Alto Jacuí**  
Evento em Santa Cruz do Sul realizado em 3 de agosto
- **Regiões Norte, Noroeste e Missões**  
Evento em Passo Fundo realizado em 13 de setembro
- **Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias e Paranhana**  
Evento em Caxias do Sul será em 24 de outubro
- **Região Metropolitana de Porto Alegre, Litoral e Vale do Sinos**  
Evento em Porto Alegre será em 20 de novembro



# Rede **ULBRA** de Educação

Estude ainda em 2023 na Ulbra  
Presencial | Híbrido | EAD

Aqui você tem:

- ⇒ Modelo transformador de aprendizagem.
- ⇒ Inserção do aluno na **prática profissional** desde o primeiro ano.
- ⇒ Convênios com **+ 50 empresas estrangeiras**.
- ⇒ Programas de estágios e **desenvolvimento de carreiras**.



Saiba mais:  
[ulbra.br](http://ulbra.br)





As regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Rio da Várzea, Nordeste, Produção e Alto da Serra do Botucaraí reúnem 207 municípios, somando 1,86 milhão de habitantes (17,1% da população gaúcha, que é de 10,8 milhões segundo o Censo do IBGE de 2022). A tendência é de crescimento da população nessa parte do Estado, especialmente na Região da Produção, puxada por Passo Fundo.

### Médio Alto Uruguai 154.343 habitantes (em 2010, eram 148.388, alta de 4,01%)

Município	População atual	População em 2010
Frederico Westphalen	32.627	28.843
Nonoai	13.719	12.074
Seberi	11.950	10.897
Planalto	10.406	10.524
Palmitinho	7.839	6.920
Ametista do Sul	7.650	7.323
Trindade do Sul	7.556	5.787
Iraí	7.482	8.078
Alpestre	7.117	8.027
Erval Seco	6.787	7.863
Rodeio Bonito	6.654	5.743
Caiçara	4.836	5.071
Vicente Dutra	4.665	5.285
Pinheirinho do Vale	4.540	4.497
Taquaruçu do Sul	3.119	2.966
Pinhal	2.959	2.513
Cristal do Sul	2.692	2.826
Rio dos Índios	2.835	3.616
Vista Alegre	2.660	2.832
Novo Tiradentes	2.146	2.277
Dois Irmãos das Missões	2.090	2.157
Gramado dos Loureiros	2.014	2.269

### Rio da Várzea 129.302 habitantes (em 2010, eram 130.548, queda de 0,95%)

Município	População atual	População em 2010
Palmeira das Missões	33.216	34.328
Sarandi	22.851	21.285
Constantina	10.385	9.752
Ronda Alta	9.777	10.221
Chapada	9.540	9.377
Rondinha	4.991	5.518
Liberato Salzano	4.781	5.780
Três Palmeiras	4.716	4.381
Novo Barreiro	4.272	3.978
Jaboticaba	3.779	4.098
Lajeado do Bugre	2.601	2.487
Barra Funda	2.498	2.367
Sagrada Família	2.480	2.595
Cerro Grande	2.379	2.417
São José das Missões	2.362	2.720
Nova Boa Vista	2.042	1.960
Boa Vista das Missões	1.933	2.114
São Pedro das Missões	1.757	1.886
Novo Xingu	1.646	1.757
Engenho Velho	1.296	1.527

### Região da Produção 369.774 habitantes (em 2010, eram 338.049, alta de 9,38%)

Município	População atual	População em 2010
Passo Fundo	206.224	184.826
Carazinho	61.804	59.317
Marau	45.126	36.364
Casca	9.465	8.651
Vila Maria	4.413	4.221
David Canabarro	4.321	4.683
Ciríaco	4.146	4.922
Pontão	3.296	3.857
Nova Alvorada	3.163	3.182
Ernestina	3.034	3.088
Camargo	2.981	2.592
São Domingos do Sul	2.754	2.926
Coxilha	2.667	2.826
Mato Castelhano	2.553	2.470
Coqueiros do Sul	2.211	2.457
Sto Antônio do Palma	2.091	2.139
Sto Antônio do Planalto	2.089	1.987
Vanini	2.004	1.984
Alm. Tamandaré do Sul	1.969	2.067
Gentil	1.742	1.677
Muliterno	1.721	1.813

### Nordeste 130.323 habitantes (em 2010, eram 126.798, alta de 2,78%)

Município	População atual	População em 2010
Lagoa Vermelha	27.659	27.527
Tapejara	24.557	19.250
Sananduva	16.399	15.373
São José do Ouro	6.834	6.904
Ibiraiaras	6.776	7.095
Machadinho	5.735	5.510
Barracão	4.831	5.357
Cacique Doble	4.603	4.868
Ibiaçá	4.527	4.710
São João da Urtiga	4.461	4.726
Maximiliano de Almeida	4.191	4.911
Água Santa	3.912	3.722
Paim Filho	3.629	4.243
Caseiros	3.000	3.007
Sto Expedito do Sul	2.349	2.461
Vila Lângaro	2.079	2.152
Capão Bonito do Sul	1.733	1.754
Santa Cecília do Sul	1.674	1.655
Tupanci do Sul	1.374	1.573

### Região Norte 222.274 habitantes (em 2010, eram 221.418, alta de 0,38%)

Município	População atual	População em 2010
Erechim	105.705	96.085
Getúlio Vargas	16.602	16.154
Barão de Cotegipe	7.144	6.526
Aratiba	6.483	6.565
Gaurama	5.665	5.862
Estação	5.582	6.011
Sertão	5.541	6.294
Campinas do Sul	5.284	5.506
Erval Grande	4.930	5.163
Viadutos	4.769	5.311
Marcelino Ramos	4.320	5.134
Severiano de Almeida	3.406	3.842
Áurea	3.396	3.665
Jacutinga	3.338	3.633
São Valentim	3.264	3.632
Itatiba do Sul	3.208	4.171
Erebango	3.054	2.965
Charrua	2.768	3.471
Centenário	2.721	2.965
Entre Rios do Sul	2.685	3.080
Três Arroios	2.591	2.855
Faxinalzinho	2.520	2.567
Paulo Bento	2.144	2.191
Benjamin Constant do Sul	2.082	2.307
Mariano Moro	1.858	2.210
Ipiranga do Sul	1.720	1.944
Barra do Rio Azul	1.696	2.003
Floriano Peixoto	1.668	2.018
Cruzaltense	1.635	2.141
Ponte Preta	1.575	1.750
Quatro Irmãos	1.552	1.790
Carlos Gomes	1.368	1.607

### Alto da Serra do Botucaraí 98.405 habitantes (em 2010, eram 104.027, queda de 5,40%)

Município	População atual	População em 2010
Soledade	29.991	30.044
Espumoso	15.173	15.240
Fontoura Xavier	9.550	10.719
Barros Cassal	9.296	11.133
Lagoão	5.341	6.233
Ibirapuitã	3.723	4.061
Campos Borges	3.613	3.494
Gramado Xavier	3.304	3.970
Tio Hugo	3.267	2.724
Victor Graeff	2.780	3.036
Mormaço	2.756	2.749
Jacuizinho	2.040	2.507
Itapuca	1.937	2.344
Nicolau Vergueiro	1.932	1.721
São José do Herval	1.902	2.204
Alto Alegre	1.800	1.848

# Regiões concentram 17,2% do PIB do Rio Grande do Sul

Somado, o Produto Interno Bruto (PIB) das regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Produção, Nordeste, Alto da Serra do Botucaraí e Rio da Várzea é de R\$ 81.523.966.503, o que representa 17,2% do PIB do Rio Grande do Sul. Os dados são de 2020, mais recentes com recorte municipal. Quem lidera a lista dos maiores PIBs municipais é Passo Fundo, que superou a marca de R\$ 10 bilhões e já é a sexta maior economia do Estado. O segundo maior Produto Interno Bruto nessas regiões é de Erechim, com R\$ 5,8 bilhões, seguido de Ijuí, R\$ 4,39 bilhões.

## Os 10 maiores PIBs municipais nessas regiões

1 ▶ Passo Fundo	R\$ 10.048.731.825	<div style="width: 100%;"></div>
2 ▶ Erechim	R\$ 5.859.841.943	<div style="width: 58%;"></div>
3 ▶ Ijuí	R\$ 4.390.345.148	<div style="width: 43%;"></div>
4 ▶ Santa Rosa	R\$ 3.145.195.038	<div style="width: 31%;"></div>
5 ▶ Carazinho	R\$ 3.100.917.403	<div style="width: 31%;"></div>
6 ▶ Santo Ângelo	R\$ 2.724.430.220	<div style="width: 27%;"></div>
7 ▶ Marau	R\$ 2.226.700.970	<div style="width: 22%;"></div>
8 ▶ Panambi	R\$ 2.104.504.977	<div style="width: 21%;"></div>
9 ▶ Horizontina	R\$ 1.707.526.941	<div style="width: 17%;"></div>
10 ▶ Palmeira das Missões	R\$ 1.477.384.872	<div style="width: 14%;"></div>

Fonte: Secretaria de Planejamento do Estado do RS

## Dados sobre o PIB

Missões	R\$ 9.443.552.719 (dados de 2020, representa 1,99% em relação do PIB do RS naquele ano)
Município	PIB em 2020
Santo Ângelo	R\$ 2.724.430.220
São Luiz Gonzaga	R\$ 1.431.608.925
Giruá	R\$ 764.649.745
Cerro Largo	R\$ 682.153.835
São Miguel das Missões	R\$ 413.487.624
Santo Antônio das Missões	R\$ 407.644.263
Entre-Ijuís	R\$ 347.384.641
Roque Gonzales	R\$ 333.443.122
Guarani das Missões	R\$ 295.455.042
Bossoroca	R\$ 255.603.146
Porto Xavier	R\$ 187.449.355
São Nicolau	R\$ 185.550.222
São Paulo das Missões	R\$ 175.850.133
Eugênio de Castro	R\$ 171.581.672
Caibaté	R\$ 157.723.096
Garruchos	R\$ 148.258.738
Salvador das Missões	R\$ 136.392.357
São Pedro do Butiá	R\$ 125.901.924
Vitória das Missões	R\$ 107.930.946
Rolador	R\$ 95.987.549
Ubiretama	R\$ 72.583.927
Pirapó	R\$ 71.962.760
Sete de Setembro	R\$ 63.287.424
Mato Queimado	R\$ 46.832.187
Dezesseis de Novembro	R\$ 40.399.866

Noroeste Colonial	R\$ 8.917.935.500 (dados de 2020, representa 1,88% em relação do PIB do RS naquele ano)
Município	PIB em 2020
Ijuí	R\$ 4.390.345.148
Panambi	R\$ 2.104.504.977
Jóia	R\$ 430.969.428
Condor	R\$ 370.003.270
Catuípe	R\$ 336.054.754
Ajuricaba	R\$ 327.677.836
Augusto Pestana	R\$ 314.568.241
Pejuçara	R\$ 244.656.825
Nova Ramada	R\$ 150.201.437
Bozano	R\$ 130.680.809
Coronel Barros	R\$ 118.272.775

Fronteira Noroeste	R\$ 9.476.821.903 (dados de 2020, representa 2% em relação do PIB do RS naquele ano)
Município	PIB em 2020
Santa Rosa	R\$ 3.145.195.038
Horizontina	R\$ 1.707.526.941
Três de Maio	R\$ 1.146.342.359
Santo Cristo	R\$ 639.308.596
Independência	R\$ 325.846.574
Tuparendi	R\$ 318.457.404
Cândido Godói	R\$ 272.921.773
Boa Vista do Buricá	R\$ 267.867.815
Tucunduva	R\$ 232.643.137
Doutor Maurício Cardoso	R\$ 204.470.392
Campina das Missões	R\$ 188.905.515
Nova Candelária	R\$ 187.801.094
Novo Machado	R\$ 147.256.060
Alecrim	R\$ 132.393.434
Alegria	R\$ 127.592.381
São José do Inhacorá	R\$ 118.702.319
Porto Lucena	R\$ 113.908.843
Senador Salgado Filho	R\$ 95.419.290
Porto Mauá	R\$ 68.500.370
Porto Vera Cruz	R\$ 35.772.568

Médio Alto Uruguai	R\$ 5.181.197.248 (dados de 2020, representa 1,09% em relação do PIB do RS naquele ano)
Município	PIB em 2020
Frederico Westphalen	R\$ 1.202.108.944
Alpestre	R\$ 530.830.907
Seberí	R\$ 469.980.521
Nonoai	R\$ 407.282.862
Erval Seco	R\$ 247.658.332
Palmitinho	R\$ 234.301.713
Trindade do Sul	R\$ 215.541.281
Rodeio Bonito	R\$ 209.636.177
Planalto	R\$ 208.061.667
Iraí	R\$ 203.668.184
Taquaruçu do Sul	R\$ 144.516.980
Ametista do Sul	R\$ 135.152.395
Caçara	R\$ 127.493.216
Dois Irmãos das Missões	R\$ 122.726.367
Pinheirinho do Vale	R\$ 114.704.211
Vicente Dutra	R\$ 112.365.566
Vista Alegre	R\$ 111.010.965
Pinhal	R\$ 102.393.659
Rio dos Índios	R\$ 101.778.664
Cristal do Sul	R\$ 71.754.286
Gramado dos Loureiros	R\$ 60.440.574
Novo Tiradentes	R\$ 47.789.777

Região Celeiro	R\$ 4.871.804.050 (dados de 2020, representa 1,02% em relação do PIB do RS naquele ano)
Município	PIB em 2020
Três Passos	R\$ 923.038.263
Santo Augusto	R\$ 615.149.088
Tenente Portela	R\$ 506.473.795
Crissiumal	R\$ 405.725.524
Coronel Bicaco	R\$ 306.595.176
São Martinho	R\$ 275.350.612
Campo Novo	R\$ 226.601.224
Chiapetta	R\$ 226.492.765
Humaitá	R\$ 184.330.843
Redentora	R\$ 160.136.949
Miraguaí	R\$ 143.279.595
Tiradentes do Sul	R\$ 143.102.019
Sede Nova	R\$ 120.271.287
Derrubadas	R\$ 108.915.899
Braga	R\$ 98.676.230
Esperança do Sul	R\$ 87.109.771
Vista Gaúcha	R\$ 84.322.910
Inhacorá	R\$ 73.038.153
Bom Progresso	R\$ 69.001.510
São Valério do Sul	R\$ 63.591.801
Barra do Guarita	R\$ 50.600.636

Rio da Várzea	R\$ 5.161.443.814 (dados de 2020, representa 1,09% em relação do PIB do RS naquele ano)
Município	PIB em 2020
Palmeira das Missões	R\$ 1.477.384.872
Sarandi	R\$ 1.024.427.445
Chapada	R\$ 480.990.539
Ronda Alta	R\$ 352.310.215
Constantina	R\$ 345.026.701
Rondinha	R\$ 224.156.819
Boa Vista das Missões	R\$ 159.102.801
Três Palmeiras	R\$ 132.923.081
Barra Funda	R\$ 130.264.819
Liberato Salzano	R\$ 121.601.222
Nova Boa Vista	R\$ 113.854.937
Jaboticaba	R\$ 106.616.607
Novo Barreiro	R\$ 99.096.428
São Pedro das Missões	R\$ 66.564.026
Novo Xingu	R\$ 57.376.948
Cerro Grande	R\$ 55.459.421
Sagrada Família	R\$ 55.132.334
São José das Missões	R\$ 55.009.110
Engenho Velho	R\$ 53.411.658
Lajeado do Bugre	R\$ 50.733.831

## Região Norte

R\$ 11.189.113.800  
(dados de 2020, representa 2,36% em relação do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020
Erechim	R\$ 5.859.841.943
Aratiba	R\$ 985.036.111
Getúlio Vargas	R\$ 649.109.273
Sertão	R\$ 290.676.604
Barão de Cotegipe	R\$ 263.796.354
Campinas do Sul	R\$ 253.852.350
Estação	R\$ 243.279.185
Gaurama	R\$ 240.406.166
Entre Rios do Sul	R\$ 224.577.148
Jacutinga	R\$ 157.557.684
Viadutos	R\$ 148.629.168
Marcelino Ramos	R\$ 143.567.942
Severiano de Almeida	R\$ 122.025.836
Erebango	R\$ 121.465.864
Erval Grande	R\$ 116.972.469
Paulo Bento	R\$ 112.268.270
Áurea	R\$ 108.102.586
Três Arroios	R\$ 103.678.248
Quatro Irmãos	R\$ 103.355.754
Ipiranga do Sul	R\$ 102.249.140
São Valentim	R\$ 102.152.331
Cruzaltense	R\$ 92.824.674
Charrua	R\$ 89.492.743
Centenário	R\$ 76.868.275
Faxinalzinho	R\$ 73.369.977
Itatiba do Sul	R\$ 70.901.366
Barra do Rio Azul	R\$ 62.933.615
Mariano Moro	R\$ 62.886.199
Floriano Peixoto	R\$ 61.996.364
Ponte Preta	R\$ 61.587.974
Carlos Gomes	R\$ 47.047.694
Benjamin Constant do Sul	R\$ 36.604.493

## Região da Produção

R\$ 18.621.883.270  
(dados de 2020, representa 3,93% em relação do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020
Passo Fundo	R\$ 10.048.731.825
Carazinho	R\$ 3.100.917.403
Marau	R\$ 2.226.700.970
Casca	R\$ 521.007.074
Camargo	R\$ 409.655.305
Pontão	R\$ 272.929.090
Vila Maria	R\$ 252.397.659
Nova Alvorada	R\$ 196.106.912
Coxilha	R\$ 192.047.284
Almirante Tamandaré do Sul	R\$ 183.863.428
David Canabarro	R\$ 155.422.217
Ciríaco	R\$ 154.370.873
Ernestina	R\$ 144.767.928
Coqueiros do Sul	R\$ 135.203.281
Gentil	R\$ 126.462.424
Mato Castelhano	R\$ 111.605.113
Santo Antônio do Planalto	R\$ 107.594.214
São Domingos do Sul	R\$ 85.468.010
Santo Antônio do Palma	R\$ 76.299.746
Vanini	R\$ 65.363.507
Muliterno	R\$ 54.969.007

## Região Nordeste

R\$ 5.663.684.336  
(dados de 2020, representa 1,19% em relação do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020
Tapejara	R\$ 1.219.646.270
Lagoa Vermelha	R\$ 1.133.234.506
Sananduva	R\$ 666.133.708
Água Santa	R\$ 344.358.121
São José do Ouro	R\$ 309.193.378
Ibiraiaras	R\$ 241.209.261
Ibiaçá	R\$ 225.183.318
Barracão	R\$ 188.538.731
Machadinho	R\$ 186.903.602
Capão Bonito do Sul	R\$ 164.481.959
São João da Urtiga	R\$ 145.082.969
Caseiros	R\$ 136.883.541
Paim Filho	R\$ 126.480.824
Vila Lângaro	R\$ 119.017.455
Cacique Doble	R\$ 117.872.887
Maximiliano de Almeida	R\$ 112.355.423
Santo Expedito do Sul	R\$ 84.976.359
Santa Cecília do Sul	R\$ 81.484.287
Tupanci do Sul	R\$ 60.647.737

## Alto da Serra do Botucaraí

R\$ 2.996.529.863  
(dados de 2020, representa 0,63% em relação do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020
Soledade	R\$ 892.141.356
Espumoso	R\$ 622.576.899
Fontoura Xavier	R\$ 245.766.183
Barros Cassal	R\$ 191.444.623
Victor Graeff	R\$ 144.985.408
Ibirapuitã	R\$ 110.960.278
Tio Hugo	R\$ 102.227.981
Lagoão	R\$ 101.795.976
Campos Borges	R\$ 85.356.256
Mormaço	R\$ 83.755.402
Nicolau Vergueiro	R\$ 80.269.331
Gramado Xavier	R\$ 79.029.907
Jacuizinho	R\$ 76.479.590
Itapuca	R\$ 73.403.581
Alto Alegre	R\$ 55.505.067
São José do Herval	R\$ 50.832.025

## Dados sobre o Valor Adicionado Bruto (VAB)

O perfil econômico das regiões é traduzido pelo Valor Adicionado Bruto (VAB), que mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido nos municípios.

### VAB Serviços:

Principal centro econômico do Norte, Noroeste e Missões, Passo Fundo concentra o maior PIB local e, a partir da rentabilidade, especialmente do agro, garante a qualificação de importantes polos de saúde, educação e de construção civil, que geram no município o maior VAB de Serviços entre os 207 municípios das regiões.

### VAB Serviços - 10 municípios líderes

Passo Fundo	R\$ 7,5 bilhões
Erechim	R\$ 3,2 bilhões
Ijuí	R\$ 2,7 bilhões
Carazinho	R\$ 2,2 bilhões
Santa Rosa	R\$ 1,9 bilhão
Santo Ângelo	R\$ 1,9 bilhão
Marau	R\$ 1,1 bilhão
Panambi	R\$ 1 bilhão
São Luiz Gonzaga	R\$ 846,2 milhões
Palmeira das Missões	R\$ 808,3 milhões

### VAB Industrial:

Com um distrito industrial já estabelecido historicamente, a prefeitura de Erechim investe em outras três áreas de expansão do município para as instalações de novas empresas atraídas pela pujança econômica local. Com destaque principalmente para as produções metalmeccânica e de alimentos, Erechim tem o maior VAB Industrial das regiões.

### VAB Industrial - 10 municípios líderes

Erechim	R\$ 1,8 bilhão
Passo Fundo	R\$ 1,1 bilhão
Ijuí	R\$ 1 bilhão
Aratiba	R\$ 768,8 milhões
Panambi	R\$ 727,9 milhões
Santa Rosa	R\$ 714,7 milhões
Marau	R\$ 712,8 milhões
Horizontina	R\$ 660,2 milhões
Santo Ângelo	R\$ 412,7 milhões
Alpestre	R\$ 378,4 milhões

### VAB Agrícola:

Em posição de liderança na produtividade dos três principais grãos cultivados no Rio Grande do Sul – soja, milho e trigo –, Palmeira das Missões tem ainda grande destaque nas produções leiteira e de suínos. São os principais produtos agrícolas que saem dessa parte do Estado, por isso, o município lidera o ranking de VAB Agrícola entre as regiões.

### VAB Agrícola - 10 municípios líderes

Palmeira das Missões	R\$ 468,5 milhões
São Luiz Gonzaga	R\$ 279 milhões
Jóia	R\$ 237,8 milhões
Girua	R\$ 204,1 milhões
Sto Antônio das Missões	R\$ 203,1 milhões
Chapada	R\$ 196,9 milhões
Santo Augusto	R\$ 193 milhões
São Miguel das Missões	R\$ 192,8 milhões
Lagoa Vermelha	R\$ 185,3 milhões
Ijuí	R\$ 183,1 milhões

## Reportagem Especial

## Parte Norte do Estado atrai novos investimentos

## Municípios crescem com impulso do agronegócio, da indústria e dos serviços

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Entre os hangares do aeroporto de Erechim há 35 aviões de pequeno porte pertencentes a empresas da região. Somente no segundo trimestre deste ano, o aeroporto registrou 50 aeronaves de outras empresas pousando no município em busca de novos negócios.

A pouco mais de 70 quilômetros dali, em Passo Fundo, está o terceiro aeroporto mais movimentado do Estado, com mais de 20 mil passageiros por mês. Ali, estima a prefeitura, a cada 30 dias, pelo menos 5 mil pessoas chegam em voos com o intuito de fazer negócios na cidade e na região.

“São pessoas do mundo inteiro, o que dá uma dimensão da movimentação econômica que temos hoje em Passo Fundo e em toda a região”, diz o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Diorges Oliveira.

A partir do Noroeste do Estado, em Santa Rosa, onde o plantio da soja foi iniciado no Rio Grande do Sul ainda na década de 1940, a produção começou a ganhar importância estatística. E ainda naquela década, o desenvolvimento



PREFEITURA DE ERECHIM/DIVULGAÇÃO/JC

Com o maior PIB industrial no Norte do Rio Grande do Sul, Erechim registra crescimento e amplia áreas para a instalação de empresas

promovido a partir do grão dava as caras, com a notícia dos primeiros processos de industrialização da soja e sua transformação em óleo. Era o primeiro passo de toda a movimentação industrial que daria suporte ao crescimento e modernização da safra nas décadas seguintes.

É justamente no recorte geográfico entre o Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul que a consolidação do agronegócio como o carro-chefe da economia gaúcha mais se mostra rentável. Os recursos gerados no campo pela produção agrícola “tipo exportação”

hoje viram investimentos não só no próprio agro, como em outras cadeias produtivas como o setor metalmeccânico, de máquinas agrícolas, de alimentos, construção civil e até o turismo.

Ao todo, a faixa do Estado retratada nesta edição do Mapa Econômico do RS – que inclui 207 municípios das regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Produção, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Alto da Serra do Botucará e Rio da Várzea – tinha 1,8 milhão de habitantes, conforme o último Censo. A soma do Produto

Interno Bruto (PIB) dessas localidades em 2020 era de R\$ 81,5 bilhões, 17,2% do PIB gaúcho naquele ano.

Não é por acaso que Passo Fundo e Erechim, os dois maiores municípios da região, atraem cada vez mais investidores: estão entre os dois municípios 20% deste PIB.

“É um cenário que se desenha desde o Noroeste, entre Santa Rosa, Horizontina e Panambi, até o Norte, em Passo Fundo e Erechim, como áreas que representam bem as transformações econômicas nas últimas décadas. Tradicionalmente, foram as necessidades

da atividade rural cada vez mais desenvolvida e, portanto, exigente de melhorias, que estimularam soluções e novos negócios, que acabaram se tornando especializações regionais. Se a Serra historicamente é o maior polo metalmeccânico do Estado, o Norte e Noroeste, hoje, representam uma expansão, não como migração, bem consolidada deste setor. E esses negócios estimulam novas cadeias produtivas. O resultado é uma economia muito dinâmica nessas regiões”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística, Rodrigo Feix.

## Oportunidades em alta para diversos setores da economia e aumento da população

O Anuário de Investimentos do RS 2022, levantamento do Jornal do Comércio, identificou R\$ 4,5 bilhões em aportes anunciados ou realizados em municípios dessas regiões. A cifra representa quase 9% dos recursos que tiveram cidades determinadas como destino dos investimentos.

Nos últimos cinco anos, entre os 322 projetos aprovados pelo Fundopem, 77 são dessas regiões, representando pelo menos R\$ 1,1 bilhão em investimentos aprovados entre o início de 2019 até julho deste ano.

Os dois únicos municípios com populações acima dos 100 mil habitantes no Norte do Estado – Passo Fundo e Erechim – figuram entre os melhores em

rankings para novos negócios, conforme o índice organizado pelo Urban System, publicado pela Revista Exame. Enquanto Erechim é a 3ª melhor cidade gaúcha para negócios no setor industrial, a 6ª no setor agropecuário e 1ª no setor de educação, Passo Fundo é a 6ª melhor cidade gaúcha para novos negócios na área de serviços, a 4ª melhor no setor agropecuário e a 4ª no setor de educação.

“É uma região pujante em todos os setores produtivos, e que representa bem como os bons resultados do agro podem refletir em todas as cadeias produtivas. Temos uma amostra disso no modelo de financiamentos que temos aprovado. Há forte presença das cooperativas, mas,

principalmente, um grande número e empresas que, nos últimos três anos, têm dado um salto de qualidade e de investimentos para deixarem de ser de pequeno e médio portes e se tornarem grandes empresas em faturamento”, explica o gerente regional do BRDE em Passo Fundo, Alexandre Barros.

Nos últimos 10 anos, o banco investiu R\$ 3,6 bilhões nessas regiões, mais de 35% dos aportes do BRDE em todo o Estado no período. Mais da metade dos valores foram para a agropecuária e atividades relacionadas ao setor.

“A localização geográfica, como rota de acesso a países do Mercosul e também ao resto do Brasil, além do espírito

empreendedor nessas comunidades e da qualidade de vida, são fatores determinantes para atração de investimentos”, avalia o vice-presidente do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul (Ciergs), Jairo Alberto Zandoná.

O aumento populacional de quase 2% entre os 207 municípios dessas regiões entre 2010 e 2022, aponta para onde estão as oportunidades. Percentualmente, o município com maior crescimento populacional foi Tapejara, com 27,5% de moradores a mais, chegando a 24,5 mil habitantes. Não figura entre os 10 mais populosos das regiões, mas tem destaque na produção industrial de alimentos.

Santa Rosa, Panambi e Erechim, três dos expoentes na

indústria metalmeccânica e de maquinário, registraram aumentos populacionais acima dos dois dígitos. O maior crescimento absoluto ocorreu em Passo Fundo, onde a população aumentou em mais de 21 mil habitantes, alta de 11,5%. Foi o quinto município que mais recebeu população de outras cidades no período e, por outro lado, somente 1,6% dos seus moradores buscou oportunidades de emprego fora da região.

“Temos cinco voos diários entre Passo Fundo e São Paulo, sempre lotados. São atraídos pelo valor do agro e movimentam o setor de comércio e serviços, especialmente nas áreas da educação e saúde”, explica o secretário Diorges Oliveira.

## Reportagem Especial

# Municípios se destacam na pauta de exportações do Rio Grande do Sul

**Máquinas agrícolas, produtos industrializados de soja, proteína animal e ônibus estão entre os itens vendidos ao exterior**

Estão em Passo Fundo indústrias como a fabricante de máquinas agrícolas Kuhn e a Be8 – que responde por 20% do PIB do município –, com atuação no processamento de soja e produção de biocombustível. Mas as mesas de negociação do município também incluem o produto direto do grão mais rentável na região, com unidades de operadores internacionais das safras de soja gaúcha, como a Amaggi e a Agrofel.

Não à toa, entre janeiro e julho, o município foi o terceiro maior exportador do Rio Grande do Sul, com vendas de mais de US\$ 900 milhões (R\$ 4,4

bilhões) neste período – quase 10% das exportações gaúchas. O grão e os derivados da soja representam 60% deste volume, mas, se forem somadas as negociações de outros grãos e seus derivados, além de biocombustível, chegam a mais de 90% das exportações a partir de Passo Fundo.

Fazer destes números uma realidade no dia a dia da cidade é um desafio. Nos últimos dois anos, o município foi o quarto com maior geração de empregos no Estado, e precisa atender à qualificação exigida pelo setor produtivo local. “Temos um evento chamado ‘café com emprego’, e, na última edição, foram preenchidos somente 200 dos 800 postos de trabalho oferecidos”, conta o secretário municipal do Desenvolvimento Econômico de Passo Fundo, Diorges Oliveira.

Por isso, anualmente, o município investe R\$ 400 mil em um projeto chamado Escola das Profissões, no qual o governo local custeia cursos em três eixos: tecnologia, para estudantes dos anos finais do ensino fundamental, incluindo aulas de mandarim; comércio, com mais de 40 cursos específicos; e indústria e transportes, em parceria com o Senai e Sest-Senat.

O resultado dos novos negócios se reflete nas contas públicas. Nos últimos 10 anos, a arrecadação de Passo Fundo mais do que duplicou, passando de R\$ 500 milhões em 2013 para R\$ 1,2 bilhão no projeto de orçamento para 2024. Em 2020, o município consolidou-se como a sexta maior economia do Rio Grande do Sul. O orçamento público para 2024, porém, já é o quinto entre os municípios gaúchos.



PREFEITURA DE PASSO FUNDO/DIVULGAÇÃO/JC

Passo Fundo está em 3º lugar no ranking de exportações do RS

## Ranking das exportações

Dados de janeiro a julho de 2023

- ▶ **Passo Fundo: 3º no ranking** de exportações do Estado (US\$ 901,28 milhões), 59% produtos a partir de soja e óleo de soja, 20% trigo, farinha e mistura de trigo, 8% milho, 3% arroz, 3,6% biodiesel
- ▶ **Horizontina: 16º no ranking** (US\$ 112,21 milhões), 100% exportações de máquinas agrícolas
- ▶ **Santo Ângelo: 19º no ranking** (US\$ 85,55 milhões), 97% exportações de carnes suínas
- ▶ **Santa Rosa: 21º no ranking** (US\$ 71,96 milhões), 78% exportações de carnes suínas, 20% de máquinas agrícolas
- ▶ **Ijuí: 22º no ranking** (US\$ 70,4 milhões), 97% exportações de tortas e outros resíduos de soja
- ▶ **Erechim: 37º no ranking** (US\$ 48,06 milhões) 36% exportações de carrocerias, 5,8% reboques e semi-reboques, 4,1% ônibus ou micro-ônibus, 1,2% partes e acessórios para veículos

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR

## Comércio

### Grandes varejistas gaúchas estão sediadas em Passo Fundo

O cenário de crescimento econômico e de população é ideal para o fortalecimento de gigantes do varejo, que avançam em operações, pelo Estado e fora daqui, como o Grupo Grazziotin. A empresa familiar chegou a Passo Fundo na década de 1940, dando continuidade às atividades comerciais que haviam iniciado na Serra. Hoje, o grupo reúne 347 lojas de

cinco bandeiras no País, e fechou 2022 com quase R\$ 1 bilhão em vendas e R\$ 647,5 milhões de receita líquida no último ano. Uma alta de 11% em relação ao ano anterior.

Começou em Passo Fundo o crescimento da quarta maior rede varejista de farmácias do País. A Farmácias São João iniciou ainda na década de 1970, em Campo Novo e Santo Augusto, a terra

natal do seu presidente, Pedro Henrique Brair. Mas foi a partir da década de 1990, quando se estabeleceu no município da Região da Produção, que a empresa deu um salto. Em 2023, atingiu a marca de 1 mil farmácias entre os três estados do Sul do Brasil.

Trajetória semelhante tem seguido a Comercial Zaffari, que é apontada pela Agas como a terceira maior rede

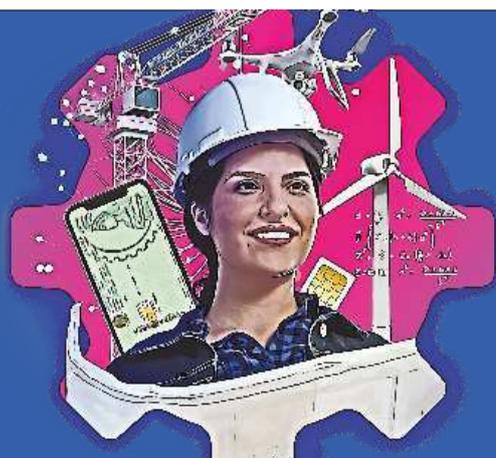
de supermercados do Rio Grande do Sul. Fundada em 1957, a empresa mantém em Passo Fundo o supermercado de mesmo nome, o atacarejo Stok Center, o shopping Bella Città, além do seu centros de distribuição e administrativo, instalados no município.

Nos próximos meses, a empresa de Passo Fundo chegará a 29 atacarejos Stok Center e 10 supermercados

### Gigantes do varejo no município

Grupo Grazziotin  
Farmácias São João  
Comercial Zaffari

da marca Comercial Zaffari. Tamanho ritmo da expansão fez a empresa aumentar em 41,7% a sua receita em 2022, chegando a R\$ 3,5 bilhões.



## A gente faz muito, porque faz junto.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul está construindo o futuro, a evolução, o desenvolvimento: da profissão, das pessoas, de um mundo melhor. E tudo isso só é possível porque é construído sempre a muitas mãos.

Acompanhe-nos nas redes sociais:

@crea.gaucho /creagaucho /creagaucho

www.crea-rs.org.br



**CREA-RS**  
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

## Combustíveis

## Grãos são transformados em biodiesel

**Cinco grandes fábricas em Passo Fundo, Erechim, Ijuí e Camargo fazem a transformação de soja em biocombustíveis**

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Se o agro é o principal gerador de capital para os investimentos em praticamente todas as cadeias produtivas entre o Norte e o Noroeste do Estado, a união de dois dos produtos agropecuários mais abundantes na região é o que garante a indústria mais rentável neste recorte do Estado.

Para que se tenha uma ideia, em Passo Fundo, onde está o maior PIB da região – superior a R\$ 10 bilhões –, 17% deste recurso têm origem na planta industrial projetada por Erasmo Battistella há quase 20 anos. A BSBIOS, hoje denominada Be8, produziu, somente no ano passado, 446,7 milhões de litros de biodiesel. É a maior produtora do combustível que tem como principal matéria-prima a soja gaúcha.

“Quando iniciamos os

estudos para a instalação da fábrica, a conclusão foi de que Passo Fundo seria o local ideal para este projeto. É um município referência para a região que tem as matérias-primas essenciais do biodiesel – gordura animal e soja – em grande volume. Afora isso, Passo Fundo tinha na época um centro de distribuição de diesel já estabelecido e muito importante para o Norte do Rio Grande do Sul e o Oeste de Santa Catarina”, conta Battistella.

Era o início de um movimento hoje consolidado. Somente entre Passo Fundo, Erechim e Ijuí, onde estão as principais plantas de processamento de biodiesel da região, a produção de biocombustíveis e derivados de petróleo responde, de acordo com a Secretaria da Fazenda do Estado, por 65% da arrecadação de ICMS industrial dos municípios.

Os fatores que levaram Battistella a escolher este ponto do Estado para a instalação da sua fábrica determinam o mapa das oportunidades neste setor. Estão no Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul



Erasmo Battistella, CEO da Be8, explica por que Passo Fundo foi considerado o local ideal para o projeto

cinco das nove usinas de biocombustíveis gaúchas e, no ano passado, somadas, elas produziram pouco mais de 1,2 bilhão de litros de biodiesel – 75% da produção gaúcha. O Estado é o líder na produção do biodiesel, acrescentado, em um percentual de 12%, ao combustível que abastece os caminhões em todo o País, com quase 25% da produção nacional.

No caso da Be8, que produz, além do biodiesel, farelo de soja que é destinado à alimentação animal, além da glicerina a partir do óleo da soja, a produção chega a 13

estados brasileiros e 12 países. Neste ano, a empresa fez a sua primeira exportação de biodiesel em escala comercial para os Estados Unidos.

As matérias-primas que dão origem ao combustível são todas compradas em um raio de 200 quilômetros a partir da fábrica, beneficiando 10 mil produtores familiares. A empresa é certificada pelo Selo Biocombustível Social, que determina a compra de parte dos produtos da agricultura familiar.

“Temos a sustentabilidade no DNA da empresa. Temos uma matéria-prima de alto

### As usinas de biodiesel na região

Be8 (Passo Fundo)  
Olfar (Erechim)  
3Tentos (Ijuí)  
Camera (Ijuí)  
BioFuga (Camargo)

aproveitamento, como a soja, a gordura animal e também o óleo de cozinha usado. O biocombustível é um produto que contribui significativamente para a redução de emissão de gases de efeito estufa. Nossa meta é chegarmos a 2030 com uma produção de carbono neutro”, diz Battistella.

## Fabricação de etanol em nova planta poderá utilizar trigo, milho, arroz e sorgo

Os impactos sociais do crescimento da Be8 vão bem além dos números na economia. A fábrica hoje emprega diretamente 600 pessoas. E a empresa pretende absorver ainda mais grãos produzidos na região em seus novos investimentos. O trigo será a bola da vez, com a perspectiva de criação de uma cadeia com até 12 mil agricultores familiares, conta o diretor financeiro da

empresa, Carlos Mostardeiro.

Está prevista para entrar em operação em 2025 a produção de etanol pela Be8, a partir não apenas do trigo, mas também de milho, triticale, arroz, sorgo, entre outros, com investimento de R\$ 556 milhões. Quando concluída, a unidade vai processar cerca de 1,5 mil toneladas ao dia de cereais para produzir até 220 milhões de litros ao ano de etanol

anidro e hidratado, além do farelo resultante do processo do etanol, que é base para ração animal, com a geração de mais 150 empregos diretos e outros 700 indiretos.

“Hoje o Rio Grande do Sul importa de outros estados 99% do etanol que é consumido aqui. Foi neste contexto que vimos a oportunidade para inovarmos mais uma vez na produção, assim como fizemos

quando iniciamos a produção do biodiesel”, comenta Mostardeiro.

Outros R\$ 300 milhões serão investidos para a transformação dos mesmos tipos de grãos em glúten vital. É um concentrado proteico obtido a partir do pó resultante da farinha de cereais. Será mais uma vez uma ação inovadora da empresa de Passo Fundo. Hoje, todo o glúten consumido

na panificação no Brasil é importado. Em 2022, foram importadas 25 mil toneladas do produto. Só na Be8 serão produzidas 35 mil toneladas.

O impacto na economia local será imediato. De acordo com o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico de Passo Fundo, Diorges Oliveira, a estimativa é de que a Be8 passe a representar até 27% do PIB do município.

## Novos investimentos vão ampliar a produção no Norte do Rio Grande do Sul

Os ares de crescimento da fabricação de biocombustível, embalada pela produção agrícola no Norte, não sopram só em Passo Fundo. Também em Erechim, na Olfar, que iniciou suas operações na cidade em 1988,

na época com o objetivo de abastecer a região com o óleo extraído da soja. Hoje, 438 milhões de litros de biodiesel podem ser produzidos anualmente na unidade industrial, que tende a se tornar ainda mais eficiente.

Foi iniciado neste ano um investimento de R\$ 262 milhões em uma nova planta produtiva 4.0 de derivados do grão de soja, com a meta de aproveitamento de 100% da matéria-prima. Dali, além do biodiesel, sairão

farelo para alimentação animal e etanol. A produção de biocombustíveis também chegou ao Noroeste. Está em Ijuí a maior capacidade instalada para produzir biodiesel a partir da soja, chegando a 547,4 milhões de litros.

Lá, operam a 3Tentos e a Camera. Como resultado, o município foi o 22º maior exportador gaúcho em 2022, e 97% do que é vendido ao exterior a partir de Ijuí é resultante deste processamento da soja.

## Gordura animal também gera biodiesel no município de Camargo

Quem não tem a soja – pelo menos até agora – como sua principal matéria-prima fica de fora do negócio de biodiesel? A resposta é não. E uma das mais tradicionais empresas da região pode provar. A família Fuga, de imigrantes italianos, iniciou as atividades de um curtume em Marau há quase um século. Hoje, a Fuga Couros responde por quase 60% das exportações daquele município e, diante da possibilidade de diversificação no mercado, há nove anos a empresa investiu em uma planta de biodiesel no pequeno município de Camargo, a menos de 20 quilômetros de Marau, formando a BioFuga.

Com know-how na produção a partir da criação de animais, e em um território que está entre os maiores produtores de suínos entre o Norte e o Noroeste do Estado, a usina de biodiesel de

Camargo utiliza uma fórmula diferente das demais. Ali, o uso da gordura animal chega à metade da fórmula. O mais usual no Rio Grande do Sul e no restante do Brasil é 20% do composto com gordura animal. Como resultado, o município de menos de 3 mil habitantes tem um PIB superior a R\$ 400 milhões.

Há ainda novos investimentos movimentando a planta industrial com capacidade instalada para produzir até 180 milhões de litros de biodiesel por ano. A Fuga aporta R\$ 350 milhões em uma unidade esmagadora de soja em uma área de 10 hectares, ali mesmo, em Camargo. Serão 80 pessoas empregadas na fábrica com capacidade para processar até 2 mil toneladas de soja por dia. O óleo abastecerá a usina de biocombustível, e os demais produtos serão destinados especialmente para a ração animal na região.

## Energia

### Produção de biogás é oportunidade

Com alta capacidade de produção agropecuária não apenas nos grãos, mas também de animais, sobretudo suínos, o eixo Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul já desponta pelo potencial de produção também de biogás, apontado por especialistas como uma das principais fontes de energia limpas – e com alto potencial de “limpar” a produção geradora de gases do efeito estufa.

Entre as 44 plantas de biogás mapeadas no Rio Grande do Sul em 2022, 16 estão nesta área, com maior destaque para municípios como Três Passos, Santo Cristo, Santa Rosa, Giruá e Três de Maio.

No caso de Três Passos, na região Celeiro, que tem a quinta maior produção de suínos nesse recorte do Rio Grande do Sul, a experiência com biodigestores foi implantada ainda na década passada, pela Granja Piaia, onde havia 1600 suínos. Além de fornecer biofertilizantes para outras propriedades, a planta gerou, ainda em 2017, economia de R\$ 10 mil mensais em média na energia elétrica.

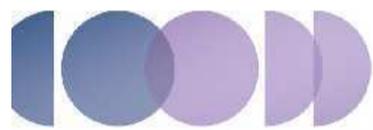
A maior parte da produção dos biodigestores no Estado ainda tem pequena escala – em 2021, somente 4,6% das

plantas e 5,31% da produção de biogás brasileira – e vem de rejeitos da agropecuária. São 15 plantas instaladas a partir de granjas no Norte e Noroeste gaúcho. Em todas elas, o biogás é usado para gerar energia elétrica.

Conforme o Atlas das Biomassas do Rio Grande do Sul, o Estado tem um potencial para gerar 985 milhões de metros cúbicos de biogás por ano. Hoje, entre as plantas de produção mapeadas, o Estado não passa de 15% desse potencial. São gerados 149,84 milhões de metros cúbicos anuais. No Brasil, com 885 plantas mapeadas em 2022, produziam-se 2,82 bilhões de metros cúbicos por ano.

#### Principais produtores de biogás na região

- Três Passos
- Santo Cristo
- Santa Rosa
- Giruá
- Três de Maio



Unindo Ideias e movendo **futuros através da** conexão entre jovens talentos e as empresas.



<https://www.cieers.org.br/>  
<https://cieers.org.br/conjuntos>



@ciee\_rs



@cieers



Ciee-Rs



Ciee-Rs



## Indústria

## Terreno preparado para o crescimento em Erechim

**Chamado 'Corredor de Desenvolvimento' já tem 32 empresas instaladas**

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Nos últimos meses, as margens da RS-135, no começo do caminho entre Erechim e Passo Fundo, tornaram-se um canteiro de obras. Ali, a partir do começo de 2024, a Brastelha, que hoje lidera o mercado de telhas no Sul do Brasil, passará a produzir até 200 mil metros quadrados de telhas e painéis por mês. É uma das 32 empresas já instaladas no chamado "Corredor do Desenvolvimento" de Erechim.

"Investir aqui é uma convicção e demonstração de confiança que temos em Erechim e no Rio Grande do Sul. E, especialmente na escolha da nova área, representará também economia para a empresa, que atualmente conta com quatro unidades distintas dentro do Distrito Industrial da cidade. Era resultado da dificuldade histórica de termos áreas para comportar o nosso avanço. Agora, uniremos toda a produção na nova área, com 15 mil metros quadrados", diz o diretor da empresa, Walmir Badalotti.

Criada no município há 25 anos, a Brastelha investe, nos últimos dois anos, R\$ 130 milhões no município, desde a importação de uma máquina inédita no Estado até a construção na nova área industrial. A empresa vai dobrar a sua atual capacidade de produção.

Um movimento que está



PREFEITURA DE ERECHIM/DIVULGAÇÃO/JC

Localidade sedia mais de um distrito industrial e prepara novas áreas para a chegada de indústrias interessadas em investir na região

longe de ser isolado no atual cenário econômico do município do Norte do Estado. "Nos últimos 10 anos, a nossa receita do município teve um crescimento de 121%. É fruto da grande diversificação que temos na nossa economia, especialmente no setor industrial, que responde por um terço da força econômica. E o poder público tem feito todo um esforço para garantir justamente a infraestrutura necessária a um momento de plena expansão dos negócios", diz o prefeito Paulo Polis.

Se a Brastelha é líder em telhas no Rio Grande do Sul, Erechim ainda coleciona no seu parque fabril referências nacionais e internacionais nas produções de ônibus, com a Comil; caminhões especiais e

ambulâncias, com a Triel HT; e em cadeiras para escritórios, por exemplo, com a Plaxmetal e a Cavaletti, ou ainda, no ramo dos alimentos, como a Peccin e a Aurora Coop.

Além, claro, das gigantes no processamento de soja e biocombustível, como a 3tentos e a Olfar. Somadas, somente essas empresas reúnem quase R\$ 10 bilhões em previsão de faturamento em 2023.

Para dar conta desse potencial, Erechim tem um Distrito Industrial de 1 milhão de metros quadrados, mas está lotado. Então, o governo municipal partiu para as obras, literalmente.

O "Corredor do Desenvolvimento" já recebeu 32 empresas. Outro distrito surge na saída de Erechim em

direção a Concórdia, Santa Catarina, com 350 mil metros quadrados, e já tem previstas para iniciarem as instalações no final do ano, pelo menos 20 empresas. E há ainda uma área já adquirida pelo município para estruturar um distrito destinado a micro e pequenas empresas.

"Tratamos de criar um ambiente favorável ao empreendedorismo e à oferta de empregos qualificados. Em um dia, empresas de 90% das atividades econômicas estão abertas. Erechim tem hoje 16,3 mil CNPJs ativos. No nosso entendimento, o empresário direciona os seus investimentos e as suas instalações sempre para lugares com infraestrutura e condições tributárias favoráveis. Estamos

na divisa com Santa Catarina, e sabemos que a paridade tributária entre os estados não é uma realidade. Ainda assim, conseguimos ser atrativos", diz o prefeito.

É o caso da Plaxmetal, que investe mais de R\$ 60 milhões na ampliação da sua fábrica no novo Distrito Industrial. Ainda neste ano, a empresa quase dobrou a sua área, chegando a 64 mil metros quadrados. O objetivo, segundo o diretor da empresa, Ezídio Zorzi: tornar-se a maior fabricante nacional de cadeiras para escritórios. Um setor em que a concorrência está no mesmo município. A Cavaletti, fundada na década de 1970 como uma estofaria, tem uma planta industrial com 108 mil metros quadrados e 700 funcionários.

## Município tem fábrica de doces focada na produção de chocolate com valor agregado

E os planos ambiciosos exigem também transformações e qualificações locais. Foi o que aconteceu na última década na fábrica da Peccin, de onde saem os chocolates Trento, hoje conhecidos em todo o País. "A empresa foi criada há 66 anos pelo meu pai e os tios, como boa parte das empresas de Erechim. Eles eram agricultores e, ao saírem do Interior, começaram a produzir balas artesanais e mandolates. Chegamos a ser a maior empresa de balas do Sul do País, com

30% da produção destinada à exportação, e essa era uma tradição na cidade, mas nos reinventamos", conta o diretor presidente da Peccin, Dirceu Pezzin.

A reinvenção obrigou também a uma nova formação de mão de obra qualificada. Erechim chegou a ter, até a década de 1980, três fábricas de balas, mas Pezzin, ao decidir que a produção precisava agregar valor, queria ingressar no mundo do chocolate. "Aí, o modo de produzir

é completamente diferente", explica.

A tecnologia foi importada da Áustria e o chocolate para formar o novo produto precisaria ser todo fabricado pela própria Peccin. Depois de um ano de testes, o produto foi para o mercado. No chão de fábrica, Pezzin já se preocupava com a busca do know-how em feiras internacionais desde a década de 1990. Vieram técnicos de São Paulo, que trataram de multiplicar o conhecimento e a cultura na

fabricação do novo produto.

"Hoje, já temos os nossos técnicos formados dentro da empresa, e mantemos uma parceria com a universidade, a URI, para garantir uma qualificação local cada vez maior", aponta o empresário.

Hoje a Peccin emprega 1,4 mil pessoas e tem meta de triplicar seu faturamento até 2026. "Nós temos a consciência de que as referências e quem precisa definir as necessidades no mercado de trabalho local são as nossas

indústrias. Por isso, além do diálogo constante, Erechim atua na prática para esta facilitação na geração de empregos qualificados", afirma o prefeito Polis.

O município reúne-se uma vez por mês com representantes dos setores de recursos humanos das principais empresas de Erechim, e eles apontam quais as suas necessidades. A prefeitura custeia, então, 30 vagas de formação no Senai. Além de manter parcerias com o Instituto Federal.

## Indústria

# Erva-mate vai da tradição familiar a grandes produções

**Produto símbolo do Rio Grande do Sul também ganha mercado nas exportações**

De 2022 a agosto deste ano, o município de Barão de Cotegipe, com população de 7,1 mil habitantes e um PIB superior a R\$ 263 milhões, respondeu por R\$ 52 milhões das exportações gaúchas. O produto responsável por este bom resultado é um dos símbolos gaúchos: a erva-mate.

Essa história começou ainda antes de Barão de Cotegipe se tornar município. No início da década de 1950, quando o casal Etelvino e Ilma Picolo deu início à produção e venda de erva-mate artesanal, a localidade ainda se chamava Volta Grande, e era

parte de Erechim. Da marca Picolo – hoje um dos principais rótulos da empresa – à nacionalmente conhecida Erva-Mate Barão, a indústria hoje produz 300 toneladas por ano e, além da fábrica em Barão de Cotegipe, tem filial em Machadinho, totalizando um parque industrial de 30 mil metros quadrados.

De acordo com a empresa, 40% da produção têm como destino a exportação. E 96% dela, comercializada para o Uruguai, mas a erva-mate que sai de Barão de Cotegipe já chega a 15 países.

Apesar de estarem marcadas pela origem do cultivo da erva-mate no Rio Grande do Sul, as regiões das Missões, Norte e Nordeste do Estado não são predominantes no cultivo da erva. Ainda assim, entre Palmeira das

## Principais municípios produtores na região

- ▶ Palmeira das Missões
- ▶ Fontoura Xavier
- ▶ Barão de Cotegipe
- ▶ Áurea
- ▶ Viadutos

Missões, Fontoura Xavier, Barão de Cotegipe, Áurea e Viadutos, que figuram entre os 10 municípios com maior produção de erva-mate no Estado, são produzidos em torno de 20% do que é industrializado em solo gaúcho.

A industrialização nessas regiões difere-se pela inovação. Foi assim em 1980, quando a Barão implantou, além do secador rotativo industrial, um processo até então inédito para sapear e secar a erva, refinando e dando a



Barão teve início na década de 1950, com produção de erva artesanal

cor verde ao produto.

A produção da erva-mate gaúcha é caracterizada pelas propriedades familiares, tradição que se reflete na indústria. O sobrenome Picolo também está presente na Erva-Mate Cristalina, de Erechim, criada na década de 1970. Relação semelhante aconteceu a partir de Santa Rosa. Foi lá que Jacob Vier, em 1945, criou a ervateira artesanal, inicialmente vendida em bolsas de estopa, que deu origem à Erva-Mate Vier.

## Municípios e as indústrias ervateiras

(Associadas ao Sindimate)

- ▶ Barão de Cotegipe (**Barão**)
- ▶ Gaurama (**Bomdia**)
- ▶ Erebangó (**Hoppen Petry**)
- ▶ Erechim (**Ouro Verde, Cristalina, Rei Verde**)
- ▶ Vila Maria (**Roso**)
- ▶ Ijuí (**Seiva Pura**)
- ▶ Tuparendi (**Wedor**)
- ▶ Santa Rosa (**Vier**)



## A Universidade de Passo Fundo impulsiona:

- **O ensino ético e de excelência**  
*Formando profissionais que são destaque e referência no mercado de trabalho;*
- **As ações que despertam o amanhã**  
*Fortalecendo parcerias com os setores públicos e privados para investir na comunidade;*
- **Pessoas que impactam o mundo**  
*Aproximando distâncias, atuando com transparência e valorizando a cooperação.*

Conecte-se com a UPF

- upf.br
- UniversidadeUPF
- UPFoficial
- Universidade de Passo Fundo
- Universidadeupf
- Universidade de Passo Fundo



**O RITMO DE QUEM FAZ O NOVO**

PANORAMA

# Mapa aponta oportunidades para as regiões Norte, Noroeste e Missões

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Conheça 14 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento econômico dessa parte do Rio Grande do Sul

## 1. VOCAÇÃO PELA METALURGIA

O setor tem o terceiro principal polo no Rio Grande do Sul nesta região. Uma tradição iniciada a partir da necessidade de comunidades que se formavam a partir do Noroeste e que, pela distância dos principais centros urbanos, precisavam desenvolver soluções próprias. Hoje, estruturas para o pós-colheita, como silos e aços para a construção de estruturas industriais, garantem uma oportunidade fértil para os próximos anos.



## 2. BERÇO DO MAQUINÁRIO AGRÍCOLA

O berço da soja no Rio Grande do Sul foi Santa Rosa. A cultura espalhou-se por outras regiões do Estado, mas o protagonismo no desenvolvimento de tecnologias para o manejo desse cultivo seguiu nessa região. Conforme o Sindicato das Indústrias de Maquinário e Implementos Agrícolas (Simers), a região responde por pelo menos 25% da produção de máquinas agrícolas gaúchas. Em Santa Rosa e Horizontina, por exemplo, o setor garante posições entre os primeiros exportadores do Rio Grande do Sul. Mas o maior potencial e oportunidade para o setor ainda está no mercado nacional, com o aumento das lavouras, sobretudo no centro do País.



## 3. TERRENO FÉRTIL PARA SOJA, TRIGO E MILHO

A cultura da soja é muito forte, especialmente mais ao Norte do Rio Grande do Sul. Essa parte do Estado tem destaque nos plantios de milho, com crescimento da demanda para a cadeia da proteína animal, e, principalmente, de trigo, que surge como uma grande oportunidade futura para a agricultura gaúcha, com a nova demanda para ser matéria-prima na produção de etanol em usinas da região. Palmeira das Missões é o município que se destaca nas três culturas – soja, trigo e milho.



## 5. LÍDER NA PRODUÇÃO DE LEITE E CARNE SUÍNA

Estão na região os principais polos produtores de leite e carnes suínas do Rio Grande do Sul. Desde a produção animal até a industrialização. A produção suína, inclusive, gera grande parcela das exportações. E, em relação à cadeia do leite, mesmo com a redução do número de produtores, estão lá os melhores índices de produtividade e a maior demanda industrial.



## 6. EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS

O Norte, Noroeste e Missões gaúchos são as regiões em que melhor é traduzida em faturamento a produtividade do agro que vai além do campo ou da safra. São seis municípios entre os 40 maiores exportadores gaúchos. E o que garante esse destaque é a industrialização da soja, a produção de carne e derivados suínos e o maquinário agrícola.



## 7. A TERRA DAS COOPERATIVAS

Está no histórico das regiões Norte, Noroeste e Missões a capacidade de organização das comunidades em cooperativas. Tanto para melhorar as condições de plantio, armazenamento e comercialização das safras, quanto para garantir infraestrutura no campo e nas cidades. Reflexo da distância em relação aos grandes centros urbanos do Rio Grande do Sul. Conforme o Sistema Ocergs, as regiões concentram 107 cooperativas, que, em 2022, tiveram R\$ 25 bilhões de faturamento, ou 35% do total faturado pelas cooperativas gaúchas no ano passado.





## 8. A ORIGEM DA ERVA-MATE

O cultivo da erva-mate no Rio Grande do Sul teve sua origem nas Missões e avançou para outras regiões do Estado. Entre o Norte, Noroeste e Missões, a produção não tem a maior parcela do Estado, mas estão neste recorte do Rio Grande do Sul algumas das maiores ervateiras gaúchas.

## 9. O BRILHO DAS PEDRAS PRECIOSAS



Estão entre as regiões do Médio Alto Uruguai e do Alto da Serra do Botucaraí duas das principais jazidas de pedras preciosas do Brasil. A produção das pedras rende mais de R\$ 500 milhões anuais somente com a exportação. E 90% da produção gaúcha são destinadas ao exterior.

## 10. O MAIOR POTENCIAL HIDRELÉTRICO GAÚCHO



O Rio Uruguai margeia os eixos Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina. É a partir da região hidrográfica desse manancial que mais de 60% da energia elétrica é gerada no Estado. Produção que garante arrecadação e oportunidades de investimentos aos municípios com usinas instaladas.

## 11. RODOVIAS PARA ESCOAR A SAFRA E AEROPORTOS PARA ATRAIR NEGÓCIOS



Estão nesse recorte do Estado algumas das principais rodovias de escoamento da produção. Em pelo menos três delas, há investimentos em melhorias previstos pelo PAC do governo federal, além de uma nova ponte internacional ligando a região à Argentina, que promete ser uma alternativa ao fluxo do comércio exterior gaúcho. Estão nesse ponto do Estado ainda investimentos em aeroportos, que garantem, sobretudo, a atração de novos aportes à economia local.

## 12. INOVAÇÃO QUE GARANTE POTENCIAL INDUSTRIAL



A qualificação de mão de obra e os investimentos em inovação por parte das indústrias têm garantido o protagonismo produtivo às empresas do Norte, Noroeste e Missões. Nesse aspecto, além das parcerias com universidades, iniciativas das próprias empresas e do poder público têm surgido como oportunidades para a criação de novos projetos e empresas.

## 13. O MAIOR POLO DE SAÚDE DO INTERIOR



Passo Fundo é o terceiro principal polo de saúde do Sul do Brasil, atrás somente de Porto Alegre e Curitiba. É o maior no Interior da Região Sul. Com oito hospitais e pronto-atendimentos, o município conta com 6,48 profissionais para cada 100 mil habitantes, enquanto que no Estado a média é de 2,51 para cada 100 mil.

## 14. UM PATRIMÔNIO TURÍSTICO



A região tem em seu território dois dos maiores potenciais turísticos do Rio Grande do Sul: o único patrimônio cultural do Sul do Brasil listado pela Unesco, com as Missões Jesuítico-Guaranis, e o Parque Estadual do Turvo, onde fica o Salto do Yucumã, que é a maior área florestal preservada do Estado. A estimativa é de que, em 10 anos, caso sejam executados planos já elaborados para o financiamento do turismo na região, as Missões cheguem a até 1 milhão de visitantes por ano. Um potencial 10 vezes maior do que o que acontece hoje. No caso do Turvo, mudanças também estão à vista, com a recente concessão da área de visitação do parque à iniciativa privada.

## Indústria

Cultivo da soja  
e máquinas  
agrícolas têm  
protagonismo

**Região Noroeste do Rio Grande do Sul reúne grandes fabricantes de implementos para o campo**

Eduardo Torres  
economia@jornaldocomercio.com.br

O berço do cultivo da soja no Rio Grande do Sul está no Noroeste do Estado. E Santa Rosa representa bem o papel que o grão teve na transformação de toda uma região.

Porque desde cedo foi uma cultura que não se concentrou no município. Entre o Norte, Noroeste e Missões, por exemplo, Palmeira das Missões teve a maior área plantada com o grão em 2021 – 5ª no Estado – e a maior quantidade de soja produzida, 2ª no Estado.

Ibiraíaras teve o cultivo mais eficiente entre essas regiões no mesmo ano, mas ocupa somente a 10ª posição

entre os municípios gaúchos.

Por isso, a alcunha de “berço da soja” de Santa Rosa há algumas décadas contempla também, ou com maior importância, a produção de máquinas agrícolas como mais um produto deste berço. Desde que o Moinho Santa Rosa produziu a primeira colheitadeira ali, em 1953, os olhos do agro voltaram-se para o que acontecia no Noroeste gaúcho. Em 1975, passaram a ser fabricadas na mesma unidade as colheitadeiras Massey Ferguson e, na década de 1990, a planta industrial passou a fazer parte do Grupo AGCO.

“Essa evolução proporcionou um incentivo tecnológico para a produção gaúcha, especialmente em Santa Rosa, que permite hoje a presença das máquinas fabricadas no Brasil em diversos lugares do mundo”, diz o diretor de Operações da AGCO Santa Rosa, Rafael Ferraz.



Produção de grãos teve papel decisivo na mudança da economia, que agregou a indústria de máquinas

Segundo Ferraz, esse foi um movimento que reverberou no município e na região, com as instalações de diversos fornecedores de componentes e peças nas proximidades da fábrica. A AGCO contabiliza 500 fornecedores, metade deles é nacional.

O município é o 21º no ranking das exportações gaúchas em 2023. E 20% do que Santa Rosa vendeu no exterior foram máquinas agrícolas. Com o quarto maior PIB das regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, mesmo sendo o berço da soja no território gaúcho, Santa Rosa não figura entre os 10 principais valores no

agro. É o sexto município em Valor Adicionado Bruto (VAB) industrial. Hoje, saem da planta industrial da AGCO as colheitadeiras e plataformas da Massey, Fendt, Valéria e Challenger. Além de componentes que formarão os tratores fabricados pela AGCO em Canoas, na Região Metropolitana, e em Ibirubá, no Alto Jacuí. Cerca de 90% da produção local é destinada ao mercado interno e os outros 10% principalmente para a América do Sul e a África.

A empresa está em meio à execução do aporte de R\$ 340 milhões entre suas fábricas no País. Em Santa Rosa, é desenvolvido o projeto que

garantirá ainda mais importância à produção no município em relação às demais operações da AGCO no Estado e no País. “A unidade de Santa Rosa se destaca pelo pioneirismo. Foi a primeira fábrica da AGCO na América do Sul a implantar o sistema de gerenciamento de materiais que garante o rastreamento de todos os componentes recebidos e fabricados. Temos investido neste ano também na melhoria do centro interno de armazenagem e na ampliação da tecnologia na fabricação das colheitadeiras, cada vez mais programadas para entender o que o agricultor precisa”, explica o diretor.

## Indústria utiliza tecnologia na produção e qualifica o mercado de trabalho local

O resultado dessa movimentação, que não é de hoje, é uma maior qualidade na mão de obra local, como avalia o economista-chefe da Fiergs, Giovanni Baggio. “São indústrias muito tecnológicas que, para se manterem fortes no mercado, são obrigadas a inovar. Esse movimento muda o mercado de trabalho local e dos arredores. Gera empregos de maior qualidade e, por consequência, com maior arrecadação para esses municípios”, explica Baggio.

Para que se tenha uma ideia, a fábrica da AGCO em Santa Rosa contabiliza mil funcionários – 150 contratados a partir do investimento deste ano – e 60% deles residem no município. Eis o diferencial: 95% dos colaboradores têm

curso superior, e desses, 28% têm pós-graduação ou mestrado.

“Temos aqui a nossa Escola de Manufatura que, de janeiro a agosto, completou 10 mil horas de treinamentos. A companhia ainda oferece treinamentos gratuitos em parceria com o Senai, por exemplo”, aponta Ferraz.

Foi justamente em busca deste know-how e, principalmente, do capital humano – em volume e em qualificação –, que a Stara, reconhecida pela alta tecnologia em máquinas de precisão, expandiu suas atividades a partir de Não-Me-Toque, no Alto Jacuí, para Santa Rosa.

“Foi uma oportunidade muito importante para a empresa. Tínhamos um fornecedor de componentes,

na cidade, e desde 2013 compramos essa fábrica. Agora, inauguramos a estrutura própria, com planos de investimentos em Santa Rosa. Em Não-Me-Toque, começamos a ter maior dificuldade de atender ao número de mão-de-obra qualificada necessário para a nossa produção. Em Santa Rosa, essa mão-de-obra já preparada está disponível”, diz o diretor presidente da empresa, Átila Stapelbroek Trennepohl.

Com investimentos de R\$ 220 milhões, a Stara inaugurou no começo do ano a fábrica com 26 mil metros quadrados, e está em execução a primeira ampliação, que chegará a 37 mil metros quadrados. É uma unidade projetada para ter mil funcionários.



Giovanni Baggio, da Fiergs, diz que setor precisa inovar para se manter forte

Indústria

# Santa Rosa e Horizontina se destacam em equipamentos

## Municípios abrigam sedes de gigantes como AGCO e John Deere

Dados da Receita Federal mostram que o setor de máquinas agrícolas respondia, em 2022, por 22% da arrecadação de ICMS industrial de Santa Rosa — a indústria de suínos também tem grande peso na economia local. Mas este, como toda a economia movimentada pelo agro no recorte do Estado, é um movimento regional. A menos de 50 quilômetros dali, o município de Horizontina, com 18,8 mil habitantes — quatro vezes menos que Santa Rosa — e o 9º maior PIB entre os 207 municípios da região, arrecadou

R\$ 36,5 milhões em ICMS com a produção de máquinas agrícolas em 2022, correspondendo a 73% da arrecadação municipal com a produção industrial.

Nesse caso, a John Deere representa esta pujança. Horizontina foi o 16º maior exportador entre os municípios gaúchos de janeiro a julho deste ano, e 100% dos mais de US\$ 112 milhões — R\$ 554 milhões — foram resultado da produção da multinacional, que emprega 2 mil funcionários em uma fábrica de 135 mil metros quadrados. Dali, saem todos os modelos fabricados pela John Deere. No ano passado, a multinacional, que teve em Horizontina a sua primeira fábrica no País, chegou à marca de 100 mil colheitadeiras

produzidas na cidade.

Um número significativo, e que carrega a história da evolução do maquinário agrícola no Noroeste gaúcho. Foi em Horizontina que a então fábrica Schneider Logeman e Companhia (SLC) produziu a primeira colheitadeira automotriz do Brasil, em 1965. Em 1979, a John Deere adquiriu parte do capital da SLC em uma transição na produção de máquinas que chegou até 2001, quando todos os produtos fabricados em Horizontina passaram a ter a marca John Deere.

“Além de todo esse histórico, a fábrica de Horizontina é a maior da John Deere no Brasil. E temos muita consciência da importância dessa planta industrial para a economia

local e regional. A maior parte dos nossos 2 mil funcionários são residentes da cidade, mas também de pelo menos outros nove municípios próximos. Além deles, pelo menos outras 2 mil pessoas na região dependem diretamente da fábrica”, diz o gerente geral, Gladimir Ames.

São comuns no chão de fábrica da empresa funcionários que participaram de todo o processo de transição da SLC para a John Deere. Além de duas ou três gerações de familiares que trabalham na fabricação de máquinas de Horizontina.

A valorização desta raiz deu origem ao Memorial da Evolução Agrícola, com investimentos de R\$ 53 milhões da empresa, em um espaço que retrata a importância do município no avanço do agro gaúcho e brasileiro. É um museu, mas os olhos da empresa estão apontados para maiores avanços no futuro.

Depois de inaugurar, no ano passado, umanel viário que solucionou os gargalos logísticos do município, a John Deere iniciou um investimento de R\$ 145 milhões na ampliação e modernização da sua fábrica.

“Estamos no País certo na hora certa. Nas últimas cinco décadas, o Brasil passou de importador a um dos maiores produtores de alimentos do planeta. Assim, nossas estratégias de investimentos são de longo prazo e com a firme convicção do nosso papel nesta relevância brasileira como um polo produtor de alimentos”, aponta Amis.

## Fabricantes de máquinas agrícolas

- AGCO (Santa Rosa)
- John Deere (Horizontina)
- Stara (Santa Rosa)
- Kuhn (Passo Fundo)
- Imasa (Ijuí)
- São José Industrial (São José do Inhacorá)

## Cirurgia Robótica

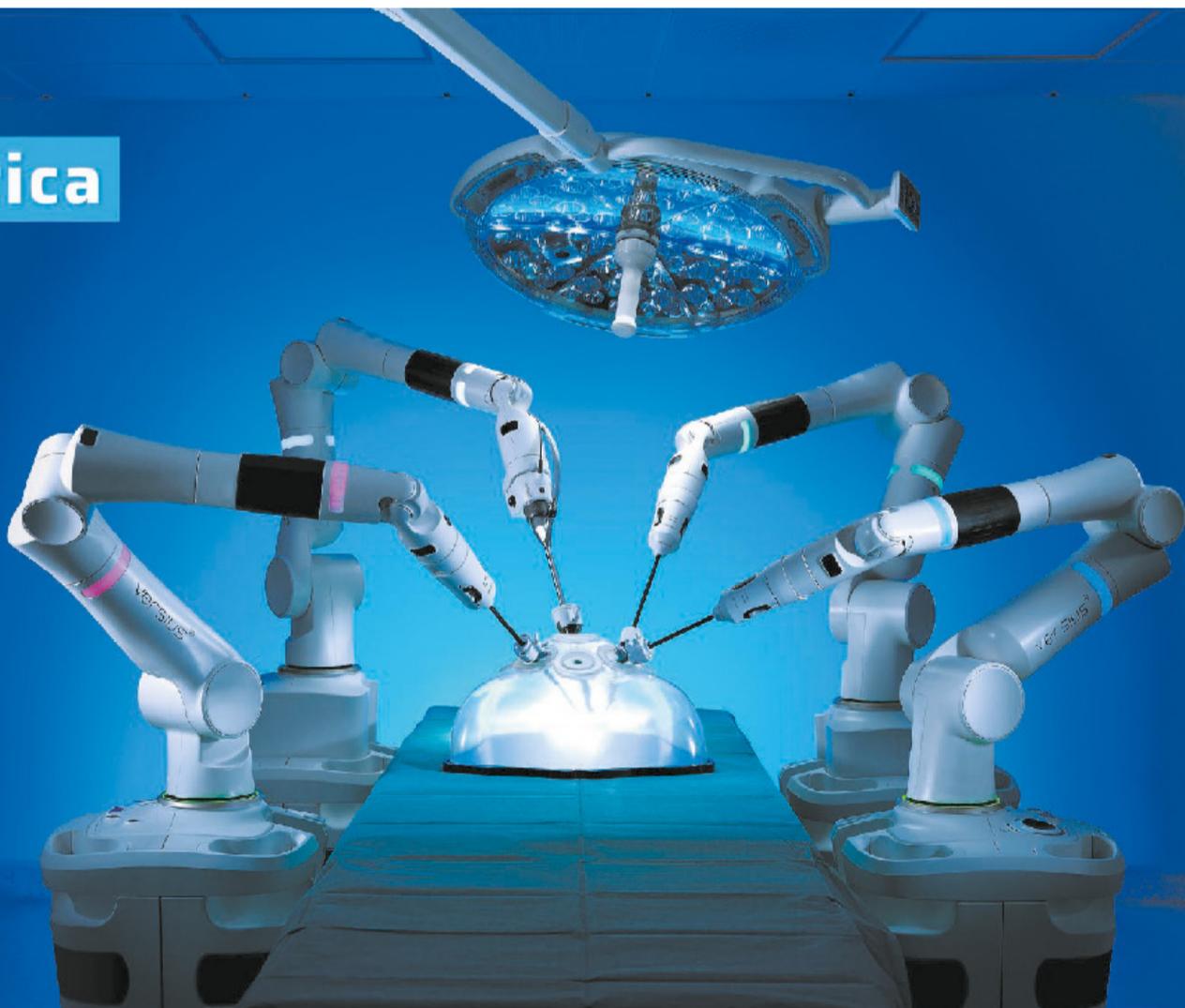
### é no HSVP

Alto nível de precisão para procedimentos complexos

Contribuindo para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul



Acesse o QR Code ao lado para mais informações sobre a cirurgia robótica



Mais informações:

☎ 54 2103.4160

☎ 54 3316.4000

📍 hsvpff @ hospitalhsvp

🌐 hsvp.com.br

## Indústria

Norte sedia o  
terceiro maior polo  
metalmecânico do  
Rio Grande do Sul

**Municípios como Panambi se destacam pela produção e mão de obra qualificada**

Eduardo Torres  
economia@jornaldocomercio.com.br

Há 28 anos, Fabiano Schneider encontrou em Panambi, no Noroeste, a quase 400 quilômetros de Canoas, sua cidade natal, a oportunidade profissional. Entrou na Kepler Weber como estagiário e hoje, quase três décadas depois, é o diretor Industrial e de Produto da empresa, e tem na sua trajetória muito do que é uma tradição na companhia e no município. De acordo com a empresa, 70% dos funcionários em posição de liderança atualmente cresceram internamente.

“Estamos no terceiro maior polo metalmecânico do Estado, e este setor acaba propagando a sua lucratividade e modo de produção por todo o município e a região. A formação de mão de obra especializada, por meio de parcerias

com Senai, Instituto Federal e escola técnica é muito marcante e beneficia toda a região”, conta o diretor.

Foram as necessidades da produção rural que motivaram, em 1925, os irmãos Otto e Adolfo Kepler, na então colônia Neu-Wüttemberg, hoje Panambi, a criarem uma pequena ferraria. Em pouco tempo, fabricavam carrocerias e soluções para a produção rural, como prensas para banhas. A empresa tornou-se a Kepler Weber, e, a partir de Panambi, tem unidades em São Paulo e em Campo Grande.

De acordo com a diretora de Gente e Gestão, Misiara Alcântara, são 1,2 mil funcionários no município, que representam 70% do total de colaboradores da empresa. Em um raio de 20 quilômetros, a Kepler Weber contabiliza 50 empresas fornecedoras, que totalizam pelo menos outras 2 mil pessoas indiretamente beneficiadas pela produção em metal da empresa de Panambi.

Ainda na década de 1940,



Saem da unidade da Kepler Weber em Panambi 77 mil toneladas de produtos por ano para 50 países

a produção de empresas como a Kepler Weber e a Bruning Tecnometal, metalúrgica que surgiu como a tornearia mecânica de Ernesto Rehn, que hoje emprega 3,4 mil pessoas no município, já rendia à localidade a alcunha de “Cidade das Máquinas”. Com a consolidação da produção rural a partir do Noroeste, mais recentemente Panambi foi rebatizada como a “Capital da Pós-Colheita”. O símbolo disso está nos silos, principal produto da Kepler Weber.

“As agroindústrias e cooperativas estão cada vez mais estruturadas, porque a safra de grãos cresce ano a ano, e o déficit de armazenagem segue grande. Há uma necessidade do fornecimento deste

produto pós-colheita. Hoje, somos líderes no mercado nacional e exportamos para mais de 50 países”, explica Schneider.

Com uma capacidade produtiva que inclui ainda máquinas de limpeza, transportadores e equipamentos para portos e terminais, saem da fábrica de Panambi 77 mil toneladas de produtos por ano. A empresa registrou R\$ 1,8 bilhão de receita líquida no ano passado, e executa, até 2026, R\$ 70 milhões em investimentos para aumentar a sua produtividade e automação. A expectativa é ampliar entre 5% e 7% a produção neste ano.

No centro da cidade, ainda está de pé, e em plena fase de revitalização, o prédio onde funcionava a oficina

dos irmãos Otto e Adolfo, no espaço que, desde 2021, faz parte do patrimônio do governo municipal, abrigando parte da estrutura da administração e a criação de um instituto de inovação para integrar a comunidade local. Além de um parque e museu com a história da indústria metalmecânica em Panambi.

“Valorizar a história que a indústria construiu nessa comunidade é um compromisso nosso, e que garante a permanência do desenvolvimento para toda a região”, diz Misiara.

De acordo com o Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas no Rio Grande do Sul (Simers), pelo menos 15% da produção do setor está no eixo Norte e Noroeste gaúcho.

## Ônibus fabricados em Erechim são vendidos para outras cidades no RS e para o exterior

Transformar o metal em produtos de utilidade em comunidades até então distantes dos principais centros econômicos do Estado tornou-se uma tradição local, que hoje se reflete nos números da economia. Assim também é em Erechim. Em 1939, foi fabricada a primeira carroceria no município. Alguns anos depois da década de 1950, foi oficialmente instalada a Indústria de Carrocerias Serrana (Incasel) e, finalmente, em 1985, a família Corradi adquiriu a antiga Incasel em um leilão e deu início à produção de ônibus Comil. Hoje, a marca responde por 5% do mercado brasileiro de transporte coletivo – com fornecimento de ônibus no Estado para cidades como Passo

Fundo, Erechim, Pelotas, Rio Grande e na Região Metropolitana de Porto Alegre – e por quase 50% de todas as exportações de Erechim entre janeiro e julho. A relação da Comil com a comunidade é reforçada pelo centro de educação profissional, onde todos os 1,5 mil funcionários passam por qualificação. A empresa também atua na produção de poltronas para diferentes configurações.

Em 2022, a Comil entregou 1,3 mil carrocerias e, neste ano, com um investimento de R\$ 20 milhões na aquisição de novos maquinários, a meta é chegar a 1,4 mil carrocerias, com um faturamento que deve chegar aos R\$ 600 milhões. Neste ano, 15% da produção é destinada a outros países.



A relação da empresa Comil com a comunidade local é reforçada pelo centro de educação profissional

Indústria

# O aço continua sendo o caminho

## Fábricas voltadas a soluções agrícolas despontam em Marau, Passo Fundo e Panambi

É impossível falar na produção metalúrgica sem falar do empresário Antônio Roso. E em julho deste ano, ele anunciou seu mais novo empreendimento neste setor. Com um investimento de R\$ 50 milhões e previsão de gerar 150 novos postos de trabalho, ele ativará à beira da RS-324, em Passo Fundo, a produção da PAR Soluções Agrícolas, especializada em estruturas em metal para armazenamento de produtos agrícolas, na área onde, até 2016, funcionou a metalúrgica Manitowoc.

Em um comunicado à Câmara de Vereadores local, Roso apontou que 70% da matéria-prima e 90% dos serviços

necessários na indústria serão fornecidos por empresas da região. Um ecossistema que Antônio Roso ajudou a criar.

Em 1975, seguindo o conselho do pai, um produtor de madeira e erva-mate na zona rural, de que um dia a madeira iria acabar e que o negócio do futuro seria o aço, ele fundou, ao lado do irmão, Ari, e de um grupo de outros empresários locais, a Metasa, então chamada Metalúrgica Arcovila, em Marau, a pouco mais de 30 quilômetros de Passo Fundo, às margens da mesma RS-324.

“Somos uma empresa que formou e qualificou a mão de obra em Marau, e temos uma consciência muito clara da importância de desenvolver a região onde estamos. No bairro próximo à fábrica, são comuns famílias inteiras que ainda trabalham ou que já trabalharam e

agora têm herdeiros trabalhando na fábrica. E temos ainda muitos parceiros que eram funcionários da empresa, se qualificaram, empreenderam na região e hoje são nossos fornecedores”, conta a superintendente da empresa Cristhine Roso.

Atualmente, a partir do bairro São José Operário, onde fica a matriz da Metasa, há 15 empresas em Marau e nos municípios de toda a região, que fornecem para a sua produção de estruturas metálicas para grandes obras. A empresa também tem uma operação em Charqueadas, mas 90% da sua produção segue concentrada em Marau.

A história da empresa começou com apenas 16 funcionários, e entre as décadas de 1980 e 1990, no seu portfólio de obras estão as ampliações do Polo Petroquímico de Triunfo, do Shopping Iguatemi e do

Mercado Público de Porto Alegre. Mas há marcas também na região, com a estruturação de toda a planta industrial da Be8.

A Metasa chegou a contar com uma unidade agrícola, com as fabricações de silos e maquinário, mas já não opera nesta área. A planta segue ativa e ainda mais desenvolvida, com a multinacional Kuhn, em Passo Fundo. “Temos direcionado a nossa produção especialmente a projetos de construção de plantas para mineradoras, especialmente nos demais países da América Latina, com uma capacidade atual de produção de 2,5 mil toneladas de metais por mês”, diz a superintendente.

A perspectiva é, a partir de 2024, com um investimento de R\$ 20 milhões na compra de uma das maiores máquinas de corte a laser da América Latina, recebida na indústria em setembro,

umentar a capacidade produtiva para até 3 mil toneladas de estruturas metálicas por mês.

A empresa fechou 2022 com faturamento de R\$ 400 milhões, e a projeção é chegar a R\$ 420 milhões neste ano. Representa cerca de 20% da arrecadação de Marau que, em 2020, tinha o 7º maior PIB e o 7º Valor Adicionado Bruto Industrial das regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS. O município também está entre os 10 maiores VABs no setor de Serviços nessas regiões.

## A indústria metalmeccânica no Norte do Estado

- Panambi (Kepler Weber, Bruning Tecnometal)
- Marau (Metasa)
- Passo Fundo (Metalúrgica Marini, PAR Soluções Agrícolas)
- Erechim (Comil, Plaxmetal, Cavaletti, Brastelha)
- Ijuí (Montagner Industrial)

# Marca Líder no mercado de Erva-mate e Chás!

[www.baraoervamate.com.br](http://www.baraoervamate.com.br)

The advertisement features a central graphic with a portrait of a man in a green military-style uniform. Below the portrait is a large banner with the text "BARÃO Erva Mate e Chás". Surrounding the banner are various products: large bags of ERVA-MATE CHIMARRÃO (TERERÉ BLACK, COTEGIPE, TRADICIONAL), smaller bags of ERVA-MATE TIPO URUGUAY, and several boxes of tea including CAMBONA, Mate Tostado, Preto, Hibisco, Camomila, and Macã, Abacaxi, Cravo e Canela. At the bottom, there are award logos: "TOP OF MIND AMANHÃ 2023 1º", "LOVE BRANDS AMANHÃ RS | 2023", and "MARCAS DE QUEM DECIDE 23 Journal do Comércio 90".

## Cooperativismo

Força das cooperativas  
impulsiona avanços

**Organizações vinculadas ao agronegócio faturam alto e investem em melhorias**

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Já reparou como quase todas as principais cooperativas rurais gaúchas têm a produção tritícola no seu nome original? É um traço histórico que, para atender à nova demanda de biocombustíveis da região e garantir maior produtividade em todas as estações, tem a tendência de voltar a ser fortalecido. É que antes da soja representar a maior lucratividade no campo, e hoje dominar os balanços produtivos de qualquer cooperativa, foi a união dos produtores em busca de soluções coletivas para o trigo que motivou a formação dessas organizações.

Nos últimos dois anos,

### Cooperativas nas Regiões Norte, Noroeste e Missões

#### Rurais:

- Cotrisal (Sarandi)
- Cotripal (Panambi)
- Coopatrigo (São Luiz Gonzaga)
- Cotricampo (Campo Novo)
- Coopermil (Santa Rosa)

#### Energia:

- Ceriluz (Ijuí)
- Creluz (Pinhal)
- Cermissões (Caibaté)
- Creal (Erechim)
- Certhil (Três de Maio)

com a forte escassez que atingiu as safras da soja, a cultura de inverno, especialmente do trigo, foi uma espécie de salvação da lavoura.

“A demanda para a nova produção de etanol no Norte do Estado pode representar até a duplicação da área plantada de trigo. É um passo fundamental para consolidarmos a possibilidade de três safras no ano”, diz o diretor de Produção Agrícola da Cotripal, João Carlos Pires.

Apontada como uma das 100 maiores empresas do Estado, a cooperativa de Panambi faturou R\$ 2,3 bilhões no ano passado. Hoje, 70% da produção da Cotripal é de soja, 25% de trigo e 5% de milho. Há 66 anos, foram plantadores de trigo que formaram a cooperativa e ergueram o primeiro armazém para os grãos ao lado dos trilhos da Linha Belizário, em Panambi.

Era um movimento que se multiplicava na região. São 107 cooperativas entre as regiões das Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Ceileiro, Médio Alto Uruguai, Produção, Nordeste, Alto da Serra do Botucará e Rio da Várzea.

O conhecimento desenvolvido a partir da cultura do trigo e, posteriormente, da soja é um dos aspectos que garante a manutenção de excelentes resultados econômicos para os associados. Entre as cooperativas dessas regiões, o Sistema Ocergs contabiliza R\$ 25 bilhões de faturamento em 2022 — 35% do total faturado pelas cooperativas

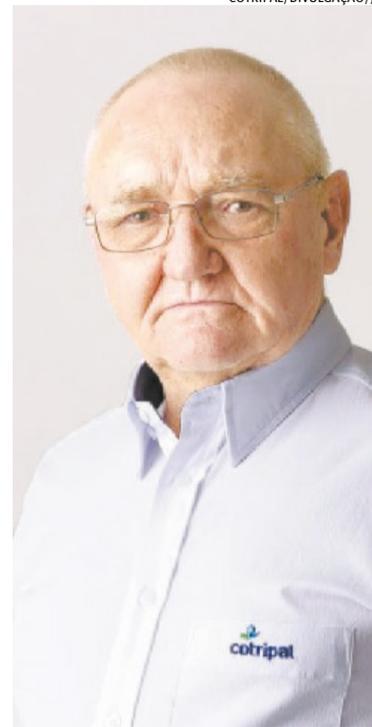
gaúchas no ano passado.

“A faixa norte e noroeste do Estado é a que mais registrou o desenvolvimento das cooperativas, muito em virtude da estrutura fundiária, de pequenos agricultores. Era preciso construir cooperativas para armazenar, primeiro o trigo, comprar em conjunto, vender por preços que permitissem o crescimento de todos. Foi o primeiro passo do cooperativismo, especialmente nesta região”, conta o presidente do Sistema Ocergs, Darci Hartmann. Ele próprio um pequeno agricultor que desde muito jovem se envolveu na organização dos sindicatos rurais e cooperativas entre o Norte e o Centro do Estado.

Segundo ele, se a soja foi fundamental para a rentabilidade bilionária das cooperativas nas últimas décadas, e hoje tem sua área consolidada no Norte e Noroeste, com a expansão no Sul, o trigo está no DNA dessas organizações.

“Ironicamente, passado tanto tempo, ainda não resolvemos todos os problemas do trigo, que já se apresentavam na época da criação da cooperativa. Esse aspecto já mostra a importância que as cooperativas continuam tendo para o produtor no Rio Grande do Sul. O papel da cooperativa é sempre atender as necessidades do associado. Por isso, quando veio a soja, entramos nesse setor, assim como na área de frigoríficos e de varejo”, diz o presidente da Cotripal, Germano Döwich.

Como resultado dessa sustentação garantida pelas



Germano Döwich, da Cotripal



Darci Hartmann, da Ocergs

cooperativas, foram retomados neste segundo semestre os investimentos em armazenamento de grãos. No caso da Cotripal, serão R\$ 50 milhões em aportes, tendo a prioridade para a ampliação em 700 mil toneladas de sacas armazenadas.

De acordo com João Carlos Pires, além do déficit de armazenagem, hoje de 15 milhões de toneladas, ele aponta a necessidade de investimentos e garantias para a irrigação no campo.

“São ações que vão garantir o crescimento que estamos vislumbrando para a consolidação de três safras anuais”, aponta Pires.

Mas o atendimento às necessidades dos associados, como aponta Döwich, vai bem além da terra. As organizações cooperativas, especialmente nessas regiões, miraram no comércio e em outras atividades ligadas ao agro. Nessa área do Estado, a cooperativa foi a chave para responder a praticamente todos

### Maiores municípios produtores de grãos no Norte do Estado

#### Milho (2021)

- São Luiz Gonzaga
- Palmeira das Missões
- São Miguel das Missões
- Santo Antônio das Missões
- Chiapetta

#### Trigo (2021)

- Palmeira das Missões
- São Luiz Gonzaga
- Giruá
- Jóia
- São Miguel das Missões

#### Soja (2022)

- Palmeira das Missões
- Lagoa Vermelha
- Soledade
- Passo Fundo
- Carazinho

os problemas na estruturação de comunidades tão distantes dos antigos grandes centros urbanos do Estado. O resultado está na diversificação das cooperativas da região.

## Organizações fornecem da luz no campo aos aportes na geração de energia

Entre as 107 cooperativas, são 33 com atuação no agro, 23 no transporte, 21 no crédito, 13 em serviços, 11 na infraestrutura e seis em trabalho e produção. As cooperativas de transporte, por exemplo, surgem da grande oportunidade que o próprio agro oferece, assim como as de crédito, que tiveram a necessidade de facilitar e organizar a busca de crédito dos agricultores. Entre as que mais têm se destacado

nessa região do Estado, porém, estão as cooperativas de energia, incluídas no grupo da infraestrutura.

“As companhias de energia tradicionais não tinham nem interesse econômico de levar a luz e a estrutura que acompanha esses empreendimentos ao interior e às comunidades mais distantes. Os produtores passaram a reunir crédito e buscar essa energia que é fundamental

para o crescimento da produção agrícola, por exemplo. Isso diz muito sobre a capacidade deste trabalhador de permanecer na sua terra, e com eficiência. Nos recentes temporais no Estado, por exemplo, as cooperativas de energia foram as mais eficientes na retomada do abastecimento”, conta Hartmann.

É o caso da Creal, que surgiu em 1969, como Cooperativa Regional de Eletrificação Rural

do Alto Uruguai, com sede em Erechim. Eram 300 agricultores que buscavam a energia elétrica nas suas comunidades. As primeiras redes foram instaladas nas Linhas Nossa Senhora do Carmo (Sananduva), Rio Negro (Erechim), Nova (Campinas do Sul) e Rio Quinto (Viadutos).

Hoje, a Creal, com 7,9 mil associados, conta com 1,8 mil quilômetros de redes elétricas e abastece 37 municípios em suas

áreas rurais — 11 deles também, na área urbana. E, atendendo às mudanças no campo, as cooperativas de energia avançam no fornecimento de linhas de comunicação pela Internet. No caso da Creal, 115 comunidades rurais já contam com a Internet fornecida pela cooperativa. No entanto, a mudança mais significativa neste ramo de negócio foi o avanço das cooperativas para a área de geração de energia.

## Agronegócio

# Produção suína tipo exportação

### Região conta com forte indústria de carne suína e frigoríficos exportadores

Desde o Censo de 2010, até o ano passado, o pequeno município de Estação, no Norte do Estado, viu sua população cair em quase 500 moradores. Hoje, são 5,5 mil habitantes no município que agora vive a expectativa de retomar o rumo do crescimento.

Está em fase final a reforma para a reabertura do frigorífico de suínos da cidade, com a possibilidade de empregar até 600 pessoas. Tamaña expectativa justifica-se pelo que representa a indústria de carnes de suínos para o Norte e Noroeste gaúchos. É uma produção com status de exportação.

Os investimentos em

Estação são da Alibem, que no começo deste ano teve aprovado projeto pelo Fundopem, devendo investir R\$ 75 milhões para preparar o antigo frigorífico da Cotrigo, arrematado no começo de 2022, para o mercado internacional.

Fundada em 2000, hoje a Alibem é a segunda maior empresa de suínos do Rio Grande do Sul e a quinta do Brasil em volume de abates. A partir de 13 granjas – nove delas na faixa Noroeste do Estado –, a empresa processa os cortes suínos atualmente em dois frigoríficos que garantem a relevância nas exportações de Santa Rosa e Santo Ângelo.

Santo Ângelo, por exemplo, ocupa o 19º lugar no ranking das exportações gaúchas em 2023, tendo 97% das vendas para o exterior provenientes de carne e produtos

industrializados de suínos, e Santa Rosa, o 21º lugar, com 78% dos produtos exportados desta mesma origem. A Alibem figura entre as 100 maiores empresas do Rio Grande do Sul no levantamento da Revista Amanhã.

São nove grandes frigoríficos de suínos instalados em Santa Rosa, Santo Ângelo, Três Passos, Frederico Westphalen, Erechim, Sarandi, São Luiz Gonzaga, Sananduva e Marau. Estação terá o décimo.

Eles concentram os abates de animais criados em municípios como Rodeio Bonito ou Palmitinho, ambos na região do Médio Alto Uruguai, que lidera a produção de suínos gaúcha. Todos os 10 maiores municípios produtores são do lado norte do Estado.

De acordo com o IBGE, em 2021, o Rio Grande do Sul

abateu 9,6 milhões de suínos, com produção de 902,9 mil toneladas de carne e um valor bruto de produção de R\$ 6,11 bilhões.

Potencial que atraiu para o Estado os catarinenses da Aurora Coop. Com unidades em Erechim e Sarandi, dedicadas ao abate de suínos, a cooperativa opera ainda em Tapejara com o abate de aves, e emprega 7 mil pessoas no Rio Grande do Sul.

Conforme a assessoria de imprensa da Aurora, o Estado responde por 16% dos abates de suínos da cooperativa, que registrou faturamento de R\$ 3,7 bilhões (17% do total) nas suas operações gaúchas.

A cada dia, a Aurora abate quase 4 mil suínos entre Erechim e Sarandi, movimentando uma cadeia de 456 produtores locais.

### Principais municípios produtores de suínos

- Rodeio Bonito
- Palmitinho
- Aratiba
- Nova Candelária
- Três Passos

### Frigoríficos suínos

- Alibem (Santa Rosa, Santo Ângelo, Estação)
- JBS (Três Passos, Frederico Westphalen)
- Aurora (Erechim, Sarandi)
- Frigorífico Estrela (São Luiz Gonzaga)
- Cooperativa Sananduva - Majestade (Sananduva)
- BRF (Marau)

Fundada em 1969, em Santa Catarina, a Aurora Coop é o terceiro maior conglomerado industrial do setor de carnes no Brasil, com exportações para mais de 80 países.

## Mineração

# O brilho das pedras preciosas sai do solo gaúcho e reluz no exterior

O que se produz aqui, literalmente, brilha no mundo. Está no Rio Grande do Sul, mais precisamente no Médio Alto Uruguai, uma das maiores jazidas de ametista do mundo, além das produções de ágata e de pedras industriais no Alto da Serra do Botucará.

Com aplicações em joias, decoração e no uso medicinal, 90% da produção de pedras preciosas gaúchas é destinada à exportação e garante para o município de Soledade, onde se concentram as indústrias dedicadas a essa produção, 40% do PIB local.

Foi para Soledade que a família de Gilberto Bortoluzzi migrou, na década de 1990, depois de iniciar a produção

de pedras na década de 1970, em Iraí.

“Iniciei a produção com meu pai e meus irmãos. Naquela região de Iraí, era uma atividade comum a extração de pedras, mas era em Soledade que tinha a infraestrutura para industrializar e, principalmente, exportar o material”, conta Bortoluzzi, que hoje preside do Sindicato das Indústrias de Joalheria, Mineração, Beneficiamento e Transformação de Pedras Preciosas (Sindipedras).

A estimativa é de que o Rio Grande do Sul exporte US\$ 110 milhões por ano. Desse volume, US\$ 82 milhões – R\$ 405,9 milhões – saem de Soledade. Com 40 grandes empresas e outras 270 pequenas, são mais de 3 mil empregos diretos na indústria das pedras neste município.

“O mercado da China é hoje um grande comprador da pedra bruta. Mas as vendas para Estados Unidos, Europa, Canadá e Austrália de produtos acabados têm grande importância”, aponta o presidente do sindicato.

Ao todo, o Rio Grande do Sul conta com 1,5 mil extratores



A estimativa é de que o Rio Grande do Sul exporte US\$ 110 milhões em pedras preciosas por ano

de pedras. Em Ametista do Sul, estima-se que 70% da população viva direta ou indiretamente desta atividade.

“A jazida de ametista produz em torno de 500 toneladas por mês, e inclui oito

municípios. Por isso, é uma atividade que garante retorno muito além do produto em si. São museus, restaurantes, vinícolas e um roteiro turístico todo relacionado à importância das pedras preciosas

nesta região”, diz Bortoluzzi.

Em Soledade, a cada ano acontece a Exposol, que tem as pedras como principais atrativos. No último evento, o município reuniu 170 mil visitantes.

### Municípios produtores de pedras preciosas

- Ametista do Sul
- Soledade
- Iraí
- Nonoai
- Frederico Westphalen

## Agronegócio

A maior bacia leiteira  
do Rio Grande do Sul

**Capacitação dos produtores de leite tem reduzido os custos e ampliado a produtividade**

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Das quatro vacas da família, em 2008, a uma produção diária de 590 litros, com 27 vacas na sua propriedade. Ornélio Ullerich, de 52 anos, não se arrepende da escolha que fez, ao lado da esposa, quando voltou do Mato Grosso para a sua terra natal, Santo Cristo, na Fronteira Noroeste do Estado.

“Nos tornamos produtores de leite, primeiro assumindo as vaquinhas que o meu sogro tinha, depois, percebemos que era um negócio viável e, aqui em Santo Cristo, muito bem estruturado. Estamos na capital do leite no Rio Grande do Sul”, diz.

Dados do IBGE apontam que, em 2021, o município de 15,3 mil habitantes produziu 64 milhões de litros de leite – 176 mil litros por dia –, a partir de um rebanho de pouco mais de 12 mil vacas. Santo Cristo está em meio à principal bacia leiteira gaúcha. Sete entre os 10 maiores produtores de leite do Estado são

municípios das regiões Noroeste, Fronteira Noroeste e Celeiro.

Ao todo, conforme o Relatório Socioeconômico da Cadeia Produtiva do Leite, elaborado pela Emater em 2021, o Estado tinha 40,1 mil produtores rurais com atividade leiteira formal, destes, 39,9 mil comercializavam o leite cru com indústrias cooperativas ou queijarias. Desde o ano passado, com a defasagem de preços e o aumento das importações, a estimativa da Emater é de que, em dois anos, cerca de 7 mil produtores abandonaram a atividade, chegando a 33 mil em 2023.

Ullerich faz parte da Cooperativa Mista São Luiz (Coopermil), que fornece 25% de todo o leite processado pela CCGL. “Hoje é hora de esperar. Não dá, por exemplo, para comprar máquinas ou investir em melhorias na propriedade. Todo o estoque de comida para as vacas teve um aumento do custo e tivemos essa surpresa no inverno, que é o período em que o produtor geralmente faz um pé de meia, mas não penso em sair da produção leiteira, porque é uma produção que tem sido viável para a nossa família”, diz.

É que esta produção, principalmente no Noroeste, tem se

mostrado uma oportunidade de negócio importante para quem consegue aumentar a sua produtividade. Ullerich, por exemplo, garante uma média de mais de 21 litros por vaca a cada dia. É bem superior à média gaúcha, de 16,3 litros.

De acordo com a Emater, a capacitação cada vez maior dos produtores tem reduzido custos e ampliado a produtividade, mesmo com a redução do rebanho nos últimos anos. Em oito anos, houve redução de 60% no número de produtores de leite no Estado, mas a produtividade teve crescimento de 39% no mesmo período.

A partir das quatro vacas de 15 anos atrás, com um resfriador e a água no tarro, em 2011 a propriedade de 19 hectares já tinha uma sala de ordenha e um resfriador a granel. Em 2017, Ullerich aumentou o seu rebanho para 20 vacas e, neste ano, são 27. Seu último investimento, no ano passado, foi um resfriador de 800 litros.

“Eu posso dizer que é o sustento da minha família. Paguei a faculdade do meu filho mais velho com a produção de leite, e o meu filho de 19 anos trabalha na produção. Aqui em Santo Cristo, produzir leite é uma vocação.



Ornélio Ullerich (c) e família captam 21 litros de leite por vaca por dia

Algumas propriedades investem alto, inclusive com robôs. Mas estarmos em um lugar como este nos permite entender bem o cenário e saber que a política de preços do leite nunca te dá segurança total. Dessa forma é que se entende que não é possível dar o passo maior do que a perna, principalmente neste momento”, aponta o produtor.

### Maiores produtores de leite por município

- Santo Cristo
- Augusto Pestana
- Crissiumal
- Cândido Godói
- Ijuí

### Laticínios

#### (Filiados Sindilat)

- Friolack (Chapada)
- Dom Miro (Doutor Ricardo)
- Laticínios Kiformaggio (Nonoai)
- Unibom Laticínios (Água Santa)
- Lactalis (Ijuí e Três de Maio)
- Domilac (São Domingos do Sul)
- Laticínios Heja (Panambi)
- Piracanjuba (Nova Ramada)
- Laticínio Stefanello (Rodeio Bonito)
- Laticínios Frizzo (Planalto)
- Italac (Passo Fundo)
- Laticínio Deale (Almirante Tamandaré do Sul e Aratiba)
- Sooro (Estação)
- Whey do Brasil (Palmeira das Missões)
- Doceoli (Santo Cristo e Tuparendi)
- São Luís (Marau)
- Mandaká Alimentos (Nova Boa Vista e Rondinha)

## Laticínios seguem investindo em novas plantas industriais no Estado

A certeza que a produção seguirá sendo uma oportunidade na região está na garantia da demanda, explica o empresário Wladimir Dallbosco.

“Pelo menos nos próximos 20 anos, haverá quem compre todo o leite produzido no Rio Grande do Sul. Claro que é preciso uma política para o produtor, e também para a indústria local”, diz Dallbosco.

Ele é proprietário da Mandaká Alimentos, empresa que é a maior empregadora, com 150 funcionários, e tem o maior faturamento de Nova Boa Vista, na região do Rio da Várzea. A empresa foi criada há 30 anos no município de pouco mais de 2 mil habitantes, e tem toda a matéria-prima comprada de produtores e cooperativas da região.

Dali saem principalmente queijos, manteiga, creme de leite e queijão. De acordo com

Dallbosco, 75% da produção é vendida fora do RS. Uma expansão que exige investimento.

“Hoje produzimos 30 mil quilos de mercadorias por dia, com uma demanda de 230 mil litros de leite diários. Na nova planta industrial, dentro de um ano e meio teremos capacidade de produzir 50 mil quilos por dia, e precisaremos de pelo menos 300 mil litros de leite por dia. Por isso, o leite é um produto com renda garantida durante muito tempo”, explica o empresário.

A Mandaká está investindo R\$ 40 milhões para a instalação de uma fábrica totalmente automatizada em Rondinha, a 25 quilômetros da sua sede. A perspectiva é de início da produção no primeiro trimestre de 2024, com a geração de 70 empregos diretos e outros 70 indiretos.

A referência produtiva do agro na região do Rio da Várzea

é Palmeira das Missões. O município de 33,2 mil habitantes tem o 10º maior PIB entre os 207 municípios deste recorte e o maior VAB Agropecuário. É neste cenário que a Mandaká e outros oito laticínios investem no projeto de R\$ 160 milhões que aumentará o valor agregado à industrialização, com a Whey do Brasil.

Na fábrica, que está sendo erguida onde funcionava a Nestlé, em Palmeira das Missões, será processado o soro do leite. O cronograma prevê o início da produção em março de 2024, com capacidade de processar 84 toneladas de soro desmineralizado por dia, e outras 100 toneladas diárias de composto lácteo.



Whey do Brasil ergue fábrica onde era a Nestlé em Palmeira das Missões

**Jornal do Comércio** 90 ANOS  
O jornal de economia e negócios do RS

**MAPA ECONÔMICO DO RS**

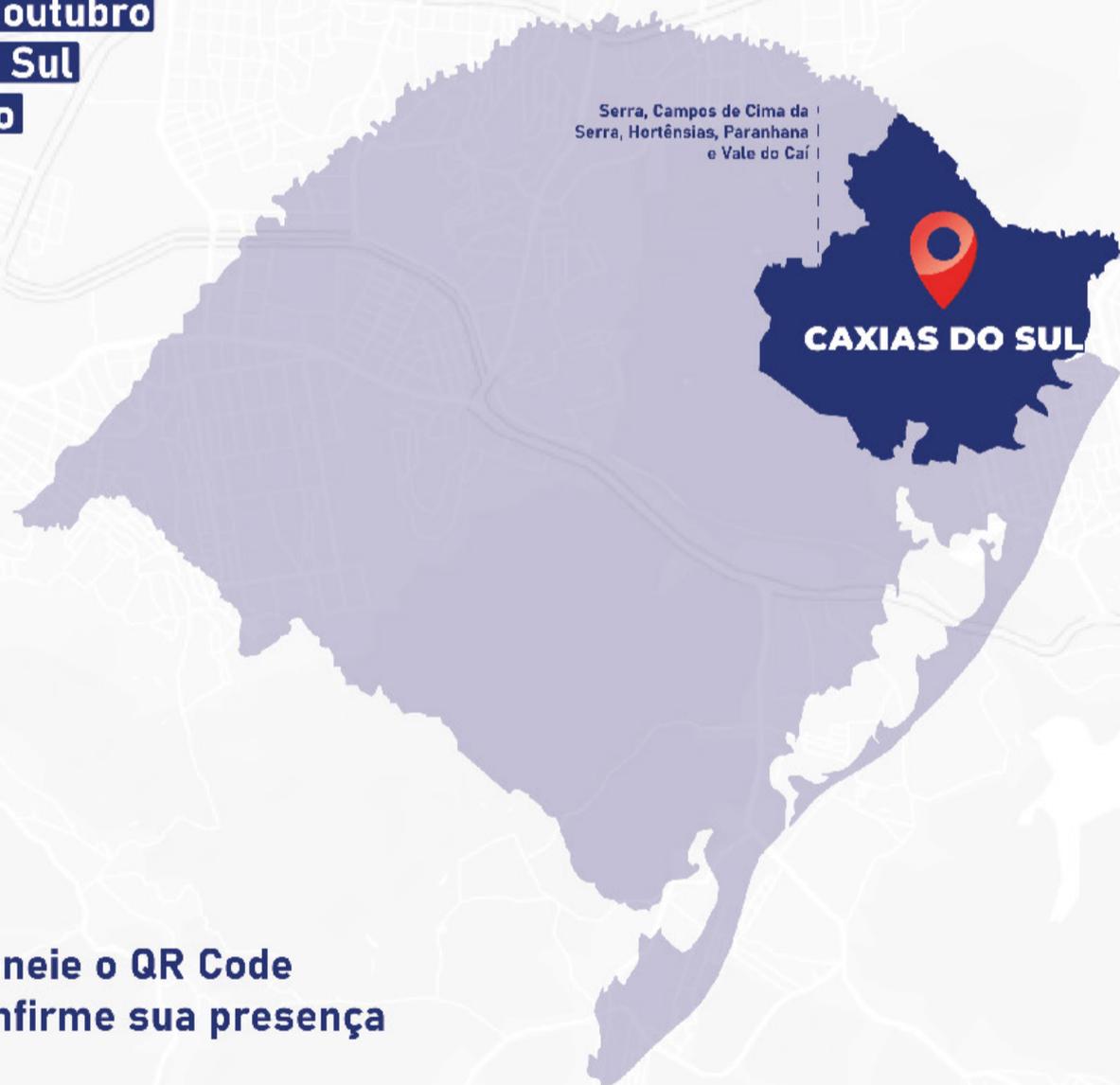
## EVENTO 4: SERRA, CAMPOS DE CIMA DA SERRA, HORTÊNSIAS, PARANHANA E VALE DO CAÍ.

No dia **24 de outubro**, o quarto evento da série Mapa Econômico do RS acontecerá na Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC). No encontro, que contará com a presença de lideranças políticas e empresariais da região, será apresentado o painel **“Desafios e oportunidades econômicas para as regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Paranhana e Vale do Caí”**.

Data do Evento: **24 de outubro**

Local: CIC - **Caxias do Sul**

Caderno: **31 de outubro**



Escaneie o QR Code  
e confirme sua presença



## Tecnologia

## Parques em universidades trazem uma janela de inovações

**Polo acadêmico garante formação de mão de obra e melhorias em setores como indústria e saúde**

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Quando a médica oftalmologista Daniela Higuchi chegou ao UPF Parque, na Universidade de Passo Fundo, ela trazia consigo o conhecimento prático das dificuldades para garantir acesso a exames oftalmológicos em locais onde não era possível ter um consultório médico plenamente equipado. Ela tinha a ideia do que queria. Restava desenvolver um produto com a tecnologia, o desenho e a aplicabilidade necessárias para se tornar uma realidade. Nascia ali uma startup incubada pela instituição de Passo Fundo.

Foram dois anos de desenvolvimento para que o retinógrafo portátil de baixo custo – 15 vezes mais barato do que o equipamento tradicional

– se tornasse um dos quatro produtos hoje patenteados e já em uso por prefeituras da região, a partir do desenvolvimento na UPF.

“Era o resultado de uma pesquisa de pós-graduação na universidade, e na nossa cidade, que é um polo de saúde. O ambiente do UPF Parque permite essa busca de soluções vivas e plenamente aplicáveis no dia a dia. Todo o desenvolvimento, a busca por parcerias, a partir de uma ideia, o aluno ou o pesquisador encontra dentro do Parque. Nós sempre temos presente no nosso trabalho a força da matriz produtiva da região. Digamos que estamos sempre de olho no nosso quintal para continuarmos sendo uma referência na busca de soluções inovadoras”, explica a diretora do UPF Parque, Téo Girardi.

Além do retinógrafo, pelo menos outros dois produtos na área da saúde estão em fase final de desenvolvimento por startups que trabalham no UPF Parque. Uma delas, desenvolveu



Desenvolvido na UPF, retinógrafo portátil de baixo custo é um dos produtos patenteados e já em uso

um aplicativo de gestão hospitalar, e a outra, uma solução para tratamentos de pele.

Mas a saúde não é a única demanda no parque tecnológico que completa 10 anos em 2023. Atualmente, são 43 empresas atuando ali, algumas delas, residentes. Outras, vão além da residência. É o caso da Stara.

O Stara Labs, que é o centro de desenvolvimento das tecnologias que estarão embarcadas no maquinário da montadora gaúcha, é residente do Parque, em uma experiência que começou a partir de uma demanda específica para o desenvolvimento de um software. Hoje, a Stara mantém um mestrado

na universidade, com acesso a protótipos da indústria que são desenvolvidos nos laboratórios do Parque.

“Para o aluno da universidade é excelente. Eles têm nesse espaço um contato vivo com o mercado, de fato. A Stara é um dos casos de empresas que têm se aproveitado muito dessa qualificação desenvolvida aqui dentro para empregar ou oferecer estágios nas suas operações. Situação semelhante acontece na parceria com a Cavalletti, de Erechim, que desenvolve na universidade as suas inovações”, aponta Téo.

Em breve terá início outra etapa deste processo de

inovação na economia da região, estimulada pela universidade. Serão investidos R\$ 13 milhões, com pouco mais de R\$ 10 milhões em recursos federais, para a construção do UPF Valley, que será um novo espaço para que as indústrias e demais empresas locais instalem-se de maneira conectada, em um chamado “living lab”.

“É um novo modelo de negócio, abrindo espaços para a estrutura física das empresas, mas não de maneira fechada, com muros entre elas. A ideia é que este espaço seja um distrito de inovação, para ter empresas e serviços abertos e conectados”, explica a diretora.

## Instituto Aliança Empresarial já reúne 20 organizações locais

O avanço faz parte do ambiente efervescente, estimulando também por um grupo que já soma 20 empresas locais, em Passo Fundo, para a formação do Instituto Aliança Empresarial. Reunidas, essas empresas representam R\$ 30 bilhões em faturamento anual.

“Foi uma iniciativa coletiva de grandes empresas da região, em 2019. Era um momento em que todos pensavam em inovação, mas perceberam que essa melhoria poderia render benefícios para a sociedade se fosse desenvolvida de maneira mais coletiva. A Aliança seria um ambiente neutro, no qual as empresas trariam os problemas comuns na região e que precisavam de soluções inovadoras”, explica a diretora institucional do Instituto Aliança, Márcia Capellari.

Agora, a iniciativa está

prestes a ganhar um espaço físico no prédio do histórico Moinho, de 1939, no centro da cidade. A perspectiva é de que a transformação do prédio, a exemplo do que acontece com o Instituto Caldeira, em Porto Alegre, esteja concluída no final de novembro. Ali, ficarão residentes seis startups que terão o monitoramento dos seus negócios mentorados, além de terem um ambiente aberto, com convivência e soluções concretas.

“O papel da Aliança é fomentar o ecossistema. Criamos um projeto que é da cidade e da região. Só é possível compreender os resultados do que tem sido feito quando podemos observar e medir seus resultados, como acontecerá no Moinho, onde o acompanhamento será próximo”, diz a diretora.

Até então, nove startups já foram aceleradas com recursos do Instituto Aliança Empresarial. Entre as ações desenvolvidas esteve um projeto de eficiência na reutilização de materiais da Be8. Em seu laboratório de inovação, foram conectados projetos para transformar uniformes usados em ecobags. “Pode parecer uma ideia simples, mas ninguém estava fazendo”, valoriza Márcia.

Uma experiência semelhante tem florescido em Panambi, com o Instituto Agregar. Lá, empresas como Kepler Weber, Bruning Tecnometal, Cotripal e Fockink estão desenvolvendo um hub de inovação com a pegada do setor metalmeccânico voltado ao agro.

“Nosso pensamento é em garantir o compartilhamento do conhecimento como forma de promover desenvolvimento

regional. O instituto foi idealizado como um elo entre a indústria e a cidade de Panambi”, comenta a diretora de Gente e Gestão da Kepler Weber, Misiara Alcântara.

O setor agropecuário também é a prioridade no TecnoURI Missões, que funciona no campus da Universidade Regional Integrada, em Santo Ângelo. A instituição estuda a criação de outro parque tecnológico também no campus de Erechim.

## Parques e hubs tecnológicos

- Passo Fundo (UPF Parque e Instituto Aliança Empresarial)
- Erechim (Centro de Inovação Tecnológica)
- Santo Ângelo (TecnoURI)
- Panambi (Instituto Agregar)
- Santa Rosa e Ijuí (Criatec Unijuí)

## Iniciativa do poder público

Em Erechim, uma experiência tem sido capitaneada pela prefeitura. Foi criado um Centro de Inovação Tecnológica na sede da Associação Comercial e Industrial de Erechim (Acie). Depois de apenas quatro meses, 12 empresas já estão residindo ou sendo incubadas neste centro.

“É um investimento que tende a favorecer a todos quando a primeira dessas startups vingar”, diz o prefeito de Erechim, Paulo Polis.

O município investiu R\$ 300 mil nessa instalação e, a cada ano, aporta outros R\$ 20 mil. Neste espaço, a URI, o Instituto Federal e a Universidade Federal da Fronteira Sul estão conectados.

Serviços

# O terceiro maior polo de saúde no Sul do Brasil

**Passo Fundo é referência em diversos tratamentos, atraindo pacientes de fora do Rio Grande do Sul**

Durante mais de três meses, no começo de 2021, a pequena Theodora Martina dos Santos, então com cinco anos, enfrentou a internação para tratamento de um tumor renal no Centro Oncológico Infanto-juvenil do Hospital São Vicente de Paulo. E foi, na verdade, uma mudança para toda a família.

Ao receber o diagnóstico da filha, na cidade de Coronel Bicaco, a 184 quilômetros de Passo Fundo, a mãe, Joslaine, e as outras três filhas foram de mala e cuia para o município que, há oito anos, é referência no tratamento oncológico para crianças desde o Norte, Noroeste e Missões gaúchos

até o Oeste catarinense.

“Nós sabíamos que precisávamos de cuidados especializados. Não pensamos duas vezes, arrumamos a sacola e viemos para o hospital. Não conhecia nada da cidade, mas sabia que tinha que enfrentar tudo por ela”, contou, na época, a mãe, em uma rotina que retrata bem o papel ocupado por Passo Fundo como o terceiro maior polo de saúde do Sul do Brasil, atrás somente de Porto Alegre e Curitiba. Entre municípios do Interior, é o principal.

Desde que Theodora fez o seu tratamento, a estrutura do centro oncológico, que é uma das tantas referências do Hospital São Vicente de Paulo e do município, melhorou ainda mais. No ano passado, o centro passou a contar com área de internação exclusiva às crianças em tratamento, o



ARQUIVO HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO/DIVULGAÇÃO/JC

Hospital São Vicente de Paulo é, hoje, o maior do Interior, atendendo por mês pacientes de até 400 cidades

que, por consequência, também aumentou a demanda e a capacidade de Passo Fundo atender aos serviços de pacientes e familiares que migraram, mesmo que temporariamente, para o município.

“Temos aqui o segundo maior centro oncológico especializado infanto-juvenil do Rio Grande do Sul. A cada mês, são pelo menos 100

crianças em tratamento em Passo Fundo”, aponta o superintendente executivo do hospital, Ilário de David.

A referência em saúde é um dos aspectos que fazem de Passo Fundo o município com maior Valor Adicionado Bruto (VAB) em Serviços entre as regiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, representando R\$ 7,5

bilhões. Somente em relação ao Hospital São Vicente de Paulo, considerado o maior hospital do Interior do Estado, são 150 vans a cada mês com pacientes de até 400 municípios em busca de atendimento. A rede de saúde do município conta hoje com oito hospitais e prontos-socorros, outros 674 consultórios e 174 policlínicas.

## Aposta na saúde ganhou impulso na década de 1970

O panorama favorável no setor de saúde, explica Ilário de David, que há 50 anos vive em Passo Fundo, começou a ser construído ainda na década de 1970, no mesmo período em que a economia local começou a deslançar, com os primeiros bons rendimentos do agro na faixa Norte do Estado.

“Foi quando a UPF criou o curso de Medicina e imediatamente as outras instituições do município perceberam que seria importante criar uma grande parceria. Toda aquela primeira turma de médicos foi absorvida pelo São Vicente de Paulo. Desde o início, enquanto a universidade apostou na qualificação da formação de pessoal na saúde, a cidade trabalhou para que isso se reproduzisse na qualificação de todos os serviços de saúde de Passo Fundo, com a absorção dos profissionais na própria cidade”, diz David.

O hospital, que havia sido erguido em 1918 no município como uma forma de encarar a gripe espanhola,

hoje é referência, além da oncologia, em áreas como cardiologia, neurocirurgia e transplantes de rins, fígado e córnea. Neste hospital há ainda o único banco de tecidos músculo esquelético do Sul do Brasil. A cada ano, o Hospital São Vicente de Paulo tem 32 mil pacientes internados. Destes, 60% são de fora de Passo Fundo.

Desde aquele primeiro movimento de parceria, na década de 1980, quando este hospital contava com apenas 80 leitos e menos de 200 funcionários, a integração entre a formação de profissionais de saúde e a rede de atendimento só avançou. A partir da década de 1990, o Hospital de Clínicas também passou a absorver os novos médicos. Hoje, entre os dois estabelecimentos, há 22 programas de residência médica. Só no São Vicente de Paulo, são 95 leitos de UTI.

“Isso significa uma oportunidade para o médico permanecer em Passo Fundo ou retornar e empreender, como



HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO/DIVULGAÇÃO/JC

Ilário de David é superintendente no Hospital São Vicente de Paulo

tem acontecido em muitos casos. Ninguém cresce em saúde sem recursos humanos qualificados. Esta foi a grande conquista de Passo Fundo nessas últimas décadas”, comenta o superintendente.

Além do curso de Medicina, a UPF hoje conta com 10 outros cursos na área da

Saúde e outras duas instituições abriram os seus próprios cursos de Medicina. Desde 2012 a Universidade Federal da Fronteira Sul abriu um curso em Passo Fundo, com 300 médicos formados na primeira turma, e a Atitus também já formou a sua primeira turma, com 250 novos médicos.

## Área médica movimentada a construção civil e a economia

Passo Fundo é o terceiro mercado imobiliário mais aquecido do Estado, tendo movimentado no ano passado R\$ 361 milhões em 623 novas unidades.

Um crescimento acima dos 20% em relação ao ano anterior. Entre os 109 prédios em obras no município, está, por exemplo, o maior prédio do RS, projetado para ter mais de 40 andares em 140 metros de altura.

A explicação não está somente na procura pelo atendimento em saúde, mas também no perfil de quem faz este atendimento. É que esta é a única cidade do Interior com três cursos de Medicina. A cada ano, são formados 300 novos médicos no município. São 2,9 mil profissionais da saúde em um município com pouco mais de 200 mil habitantes.

## Infraestrutura

Mais de 60% da  
energia gaúcha  
vem do Rio Uruguai

**São 57 usinas e centrais hidrelétricas de diversos portes que garantem fonte limpa para o Estado**

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

A oportunidade da geração de energia elétrica limpa nessas regiões do Estado, segue, necessariamente, o caminho das águas. Está no Norte do Rio Grande do Sul, ao longo da bacia hidrográfica do Rio Uruguai, no limite com Santa Catarina, o maior potencial hidrelétrico gaúcho.

Ao todo, são 57 usinas e centrais de todos os portes instaladas em 45 municípios. Desde a CGH Fazenda Santa Sofia, de Áurea, com capacidade para gerar 0,094 mW, até as gigantes UHE Machadinho, com potência instalada de 1.140 mW, e Itá, com 1.450 mW, a região tem potência instalada total de 3,2 mil mW, que representam 62,8%

do potencial hidrelétrico do RS. A produção de energia elétrica a partir dos rios reflete-se na arrecadação dos municípios. Em Ijuí, por exemplo, onde há quatro usinas instaladas ao longo do Rio Ijuí, que deságua no Rio Uruguai, em 2022 foram arrecadados R\$ 89,02 milhões em ICMS de geração de energia. Representa 18% de toda a arrecadação industrial do município.

É o maior valor de ICMS resultante da geração de energia na região, seguido por Santa Rosa, onde há duas hidrelétricas em operação no Rio Santa Rosa, gerando R\$ 69,3 milhões no ano passado - 36,05% da arrecadação de ICMS industrial da cidade. O Rio Santa Rosa é outro dos afluentes do Rio Uruguai.

Em Maximiliano de Almeida, na região Nordeste, para onde é destinada parte dos impostos da usina de Machadinho, a dependência dos recursos da geração de energia é maior. Representou,



Hidrelétrica da Ceriluz é um dos empreendimentos do setor de energia renovável em operação

em 2022, 80,2% da arrecadação de ICMS do município, que também tem outra usina no Rio Forquilha, a metros de desaguar no Rio Pelotas, onde está instalada a de Machadinho.

Entre os municípios com arrecadação de ICMS mais significativa está Aratiba, na região Norte. Em 2022, a cidade arrecadou R\$ 25,1 milhões em ICMS decorrente de geração de energia - 86,5% de toda a arrecadação deste imposto em atividades industriais. Aratiba é o principal beneficiado no Estado pelas operações da usina de Itá, que

## Municípios e rios com hidrelétricas

São 57 usinas e centrais hidrelétricas nas regiões. Somadas, elas respondem por 3,2 mil mW instalados. Representam 62,8% da potência instalada em hidrelétricas no Rio Grande do Sul. Todos os principais rios com instalações geradoras de energia fazem parte da região hidrográfica do Rio Uruguai.

- Rio Uruguai - Usina de Itá (Aratiba)
- Rio Pelotas - Usina de Machadinho (Maximiliano de Almeida)
- Rio Ijuí (Cerro Largo, Ijuí, Roque Gonzales)
- Rio Forquilha (Maximiliano de Almeida, Lagoa Vermelha)
- Rio Santa Rosa (Santa Rosa, Três de Maio)

fica no limite entre RS e SC, e é a maior fonte geradora de energia hidrelétrica do Estado, garantindo 1.450 mW de potência. No

entanto, o governo municipal tem atuado para reduzir esta dependência e abrir novas oportunidades de negócios.

## Aratiba busca diversificar economia com a indústria

Uma amostra da relevância que o município de apenas 6 mil habitantes tem conseguido com esta política foi vista na última Expointer. A multinacional de máquinas agrícolas New Holland lançou no mercado o seu primeiro trator com acessibilidade. Trata-se de um assento equipado com um elevador específico, o que garante a operação a todos. Pois o equipamento foi desenvolvido e fabricado nos pavilhões da Elevittá, em Aratiba.

“Foi uma parceria que começamos a desenvolver em 2016 com a CNH, fabricante da Iveco e da New Holland. Desenvolvemos o Dispositivo de Poltrona Móvel (DPM) para os caminhões, e logo a ideia evoluiu, com um protótipo para retroescavadeiras e o desenvolvimento, este lançado primeiro ao mercado, do trator equipado com o DPM. Toda a produção do DPM continuará sendo feita na nossa planta industrial e fornecida à New Holland, em Curitiba”, explica o sócio fundador e diretor de engenharia da empresa, Erivelto Weinert.

A entrada da empresa no setor do agro é mais uma etapa de um avanço que começou em Aratiba há 10 anos. Foi quando os sócios encontraram lá um terreno garantido e um pavilhão já erguido pelo poder público municipal como incentivo às instalações de novas indústrias, em um modelo de concessão de uso gratuito no distrito industrial local.

“Na época, não tínhamos recursos para começar, de fato, uma empresa. Eu já conhecia o município desde 2012 e tinha gostado muito da estrutura que era oferecida a quem quisesse empreender. Tínhamos um produto novo, disruptivo e já tínhamos o indicativo de que teria grande aceitação e necessidade no mercado, a partir das determinações de acessibilidade, especialmente no transporte público. Aratiba tinha o atrativo que precisávamos”, conta Weinert.

Hoje, com 70 funcionários, a empresa conta com três unidades industriais com capacidade

para fabricar 45 DPMs por dia e ainda um quarto pavilhão, destinado à pesquisa e desenvolvimento de produtos. Todos instalados em Aratiba.

Natural de Pelotas, Weinert chegou ao Norte do Estado para trabalhar na Comil, em Erechim. Ali, percebeu a oportunidade e passou a desenvolver o protótipo da poltrona móvel que, inclusive, serviu como referência à revisão das normas de acessibilidade da ABNT. “Com este projeto, garantimos que o cadeirante ou a pessoa com necessidades de locomoção não ficará em uma estrutura precária dentro do ônibus, nem representará, para o empresário, a perda de um ou mais assentos no veículo. É uma poltrona como as outras, porém, móvel, que desce para buscar o passageiro”, explica o empresário.

Entre os principais negócios da Elevittá estão os fornecimentos para o transporte escolar em todo o País e as vendas para fabricantes como a Comil, Marco polo ou Agrale em seus ônibus



Elevittá conta com 70 funcionários em três unidades industriais

de transporte intermunicipal, interestadual e internacional. Os DPMs fabricados em Aratiba também chegam à América Latina, com destaque recente para a Costa Rica.

“Nós não sabemos dizer não para desafios. Desenvolvemos o DPM para vans, micro-ônibus e agora em implementos agrícolas. Basicamente, onde há uma escada, pode ter um elevador. Este é o nosso lema aqui”, resume Erivelto Weinert.

No ano passado, a Elevittá registrou crescimento de 50% e a perspectiva é de que tenha uma estabilização neste ano.

Foi este cenário empreendedor, incentivado pelo município, que neste ano atraiu para Aratiba um grande empreendimento, com a instalação de uma nova unidade da empresa de laticínios Deale, a partir de um investimento de R\$ 30 milhões. Sairão dali queijos finos, com o emprego de 60 funcionários.

Infraestrutura

# Ponte em Porto Xavier pode mexer com a balança comercial

**Obra que permitirá nova ligação com a Argentina é orçada em R\$ 220 milhões**

Nos últimos dois anos, até 40 caminhões carregados de milho vindo do Paraguai cruzam diariamente o Rio Uruguai, em Porto Xavier, região das Missões, embarcados em uma balsa. O principal destino dos carregamentos é a produção de suínos da Alibem que, em Santa Rosa, abate 7 mil cabeças por dia. Dali, a produção de carne é carregada por caminhões até o Porto de Rio Grande, cruzando pelo menos 700 quilômetros de estradas - e todo o custo logístico envolvido nesta operação - para a exportação, principalmente à China.

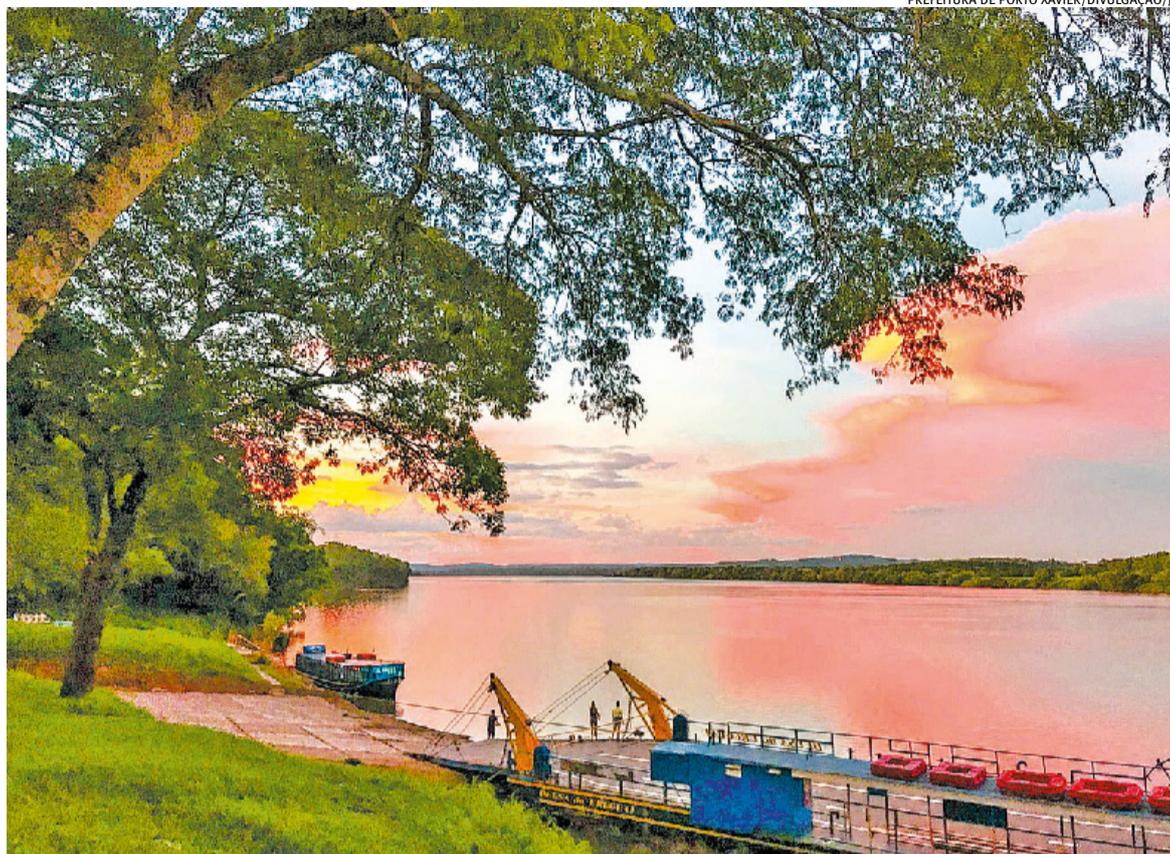
Já imaginou se o fluxo de chegada da matéria-prima fosse acelerado? E se o produto final tivesse reduzido pelo menos 500 quilômetros de transporte rodoviário até a sua exportação?

Pois o setor deve ser um dos muitos beneficiados pelo investimento iniciado no começo deste ano pelo governo federal para a construção de uma nova ponte internacional unindo Brasil e Argentina, sobre o Rio Uruguai, em Porto Xavier. Serão 950 metros entre o município gaúcho e San Javier, no lado argentino, com

um aporte de R\$ 220 milhões. Uma obra que promete um salto na economia do município e da região das Missões, e talvez, uma mexida nas relações comerciais exteriores gaúchas.

“A nossa estimativa é de que as exportações vão dobrar e, considerando junto com as importações, teremos um aumento de até 30% do movimento comercial internacional. Será um benefício direto nas importações e exportações, mas também a criação de um novo ambiente que atrairá muitas empresas para Porto Xavier. Teremos um diferencial logístico que hoje é fundamental no momento em que uma empresa decide investir”, aponta o prefeito Gilberto Menin.

Segundo Menin, são registrados em Porto Xavier 600 caminhões - um a cada 16 habitantes. É que, naturalmente, a cultura do município de 10 mil habitantes, apontado como um dos mais ricos do Estado pela Fundação Getúlio Vargas - a décima maior renda per capita do Estado e a 48ª do país considerando as declarações de imposto de renda de 2020 -, é relacionada aos negócios através do Rio Uruguai. Hoje, porém, limitados pela estrutura da balsa. Por exemplo, não é possível transitar de um



Travessia do Rio Uruguai, entre a cidade das Missões e o país vizinho, é feita atualmente por balsa

lado a outro da fronteira após as 17h30min.

Ainda assim, 35% da economia local está ligada a este setor. Somente entre as empresas já existentes em Porto Xavier, são movimentados R\$ 700 milhões, com 12 mil cargas anuais, e quase metade deste valor se refere à importação de cebolas. O movimento de exportações hoje se limita principalmente a pisos e máquinas que têm como destino o Paraguai.

As grandes empresas de importação e exportação, porém, muitas vezes optam pelo deslocamento dos caminhões de Porto Xavier, ou da região Noroeste, até Uruguiana, onde está o maior porto seco do Estado, a 400 quilômetros dali, ou até Rio Grande e os portos catarinenses ou paranaenses. Para Gilberto

Menin, porém, a abertura da nova ponte internacional poderá criar uma nova e mais econômica rota, especialmente para o escoamento da produção de grãos gaúcha.

“Ao invés de carregar os grãos até Rio Grande, com alto custo logístico rodoviário, por que não percorrer somente 120 quilômetros de Porto Xavier a Posadas, na província de Misiones, na Argentina, para a saída do produto a partir do porto de Buenos Aires, com destino à China? Ou por que não carregar a carne suína com muito mais agilidade e economia por aqui? Não tenho dúvida dos benefícios para toda a economia regional que a nova ponte vai gerar”, valoriza Menin.

O projeto era um desejo antigo da região e acabou priorizado

no plano dos primeiros 100 dias do governo Lula, entre as suas ações de integração do Brasil ao Mercosul. Em março, foram iniciados os estudos de impacto ambiental e já tiveram início também os levantamentos de terras a serem desapropriadas para a construção. A expectativa é de que, em um ano, seja possível ter definidos os licenciamentos e as indenizações necessárias.

As obras estão previstas para começarem em abril. Com os recursos do PAC, o governo federal estima que a ponte esteja erguida em 2026. Menin, porém, é mais cauteloso. “Acredito que em 2027 a nossa nova ponte internacional será uma realidade. É uma obra de custo baixíssimo pela sua importância econômica. Os benefícios serão excelentes”, diz.

## No caminho entre dois oceanos ainda faltam pistas e até asfalto

Se o crescimento econômico dos principais polos no Norte e Noroeste do Estado é visível e se traduz nos números da economia, no dia a dia, quem sente a necessidade de melhorias de infraestrutura para acompanhar este ritmo é o empresário Alexandre Schmitz. Ele herdou do pai a paixão pela estrada e a empresa TW Transportes, que tem sede em Carazinho. O município fica no entroncamento entre duas das principais rodovias de escoamento de tudo o que se produz nesta parte do Rio Grande do Sul.

De um lado, a BR-386, conhecida como a Estrada da

Produção, já teve iniciada a sua duplicação, em concessão operada pela CCR Viasul, com perspectiva de chegar até Carazinho em sete anos, de outro, a BR-285, que simboliza a importância logística internacional do Norte e Noroeste gaúcho. Trata-se da Estrada Bioceânica, que liga o Pacífico, no Chile, cruza a Argentina e atravessa justamente este trecho do Rio Grande do Sul até encontrar a BR-101, no Litoral, chegando ao Atlântico. No papel, um trajeto perfeito entre os dois lados do Mercosul. Na prática, uma rodovia com gargalos exatamente nos pontos em que o desenvolvimento mais

exige agilidade no transporte.

“A partir de Carazinho, e em toda esta região, a nossa empresa emite de duas a três mil autorizações de cargas por dia. Somos uma das maiores transportadoras do país, e despachamos até 70 caminhões diariamente com cargas fracionadas. Atendemos muito, nesta região, os setores de implementos agrícolas, metal mecânico, de peças, e de defensivos agrícolas”, diz o Schmitz.

Ele conta que, quando o pai empreendeu com o seu caminhão, o fluxo era o oposto do atual. Pegar a estrada era importante para trazer ao Norte

os produtos manufaturados que vinham das regiões Metropolitana, Serra ou Central. Agora, o gargalo aperta para quem está no Norte.

“Hoje, nós teríamos capacidade para carregar até 20% a mais de carga, mas se perde muito pela limitação das estradas. São até 30% perdidos por causa das rodovias”, comenta o empresário que hoje emprega 1,2 mil funcionários diretos, atendendo todo o Sul do Brasil e São Paulo.

É assim a cada período de safra, em Passo Fundo. São pelo menos 700 caminhões por dia nos arredores da Be8 e da Kuhn,

duas das maiores indústrias da região, às margens do trecho urbano da rodovia federal, que tem pista simples neste ponto.

“É um transtorno que muitas vezes se traduz em prejuízo para a produção e para a população, porque é uma rodovia que está dentro da cidade, com a atual expansão”, afirma o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico de Passo Fundo, Diorges Oliveira. Ao todo, são 11 quilômetros da BR-285 no trecho urbano de Passo Fundo. E depois de muita reivindicação, a duplicação foi incluída entre as obras do PAC anunciadas pelo governo federal.

## Painel

Evento Mapa  
Econômico reuniu  
lideranças regionais  
em Passo Fundo

**Debates no UPF Parque avaliaram oportunidades de desenvolvimento e desafios, como na área de infraestrutura**

**Bárbara Lima**

barbaral@jornaldocomercio.com.br

Está no papel um investimento federal para atender a uma demanda de 55 anos para a rodovia que liga Erechim a Passo Fundo – as duas principais economias das regiões Norte e Noroeste do Estado. Na verdade, um trecho nevrálgico no Rio Grande do Sul da BR-153, a chamada Transbrasiliana, que liga o Norte do País ao Sul, com mais de 4 mil quilômetros.

No Estado, a rodovia é vital para escoar a produção rural em direção ao Porto de Rio Grande, mas, entre os dois municípios, o trecho de 63

quilômetros ainda não é pavimentado. Com a obra, que está em fase de projeto, a perspectiva é de que o trajeto seja reduzido em 13 quilômetros. São 32 empresas instaladas na RS-135, que leva à rodovia federal. Há negociação do município para que o governo estadual abra a licitação para também duplicar o trecho.

A demanda da região foi levantada durante o terceiro evento do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, produzido pelo Jornal do Comércio. O painel ocorreu no dia 13 de setembro no Parque Científico e Tecnológico da Universidade de Passo Fundo (UPF), quando lideranças regionais avaliaram oportunidades e desafios para o desenvolvimento econômico.

A reitora da UPF, Bernadete Dalmolin; o diretor de produção agrícola da Cotripal, João Carlos Pires; e o diretor financeiro da Be8, Carlos



Terceiro encontro do projeto Mapa Econômico do RS reuniu empresários e lideranças de instituições

Mostardeiro, foram os painelistas, em conversa mediada pelo editor-chefe do JC, Guilherme Kolling. Entre os temas, a vocação da região para o agronegócio, as energias renováveis, bem como educação, inovação e tecnologia.

Na abertura do evento, o diretor de Operações do Jornal do Comércio, Giovanni Jarros Tumelero, se solidarizou às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul. “Gostaria, primeiramente, de deixar minha solidariedade com as regiões atingidas pelas chuvas.” Na sequência, destacou a importância de iniciativas que

estimulem a economia do Estado, como o Mapa Econômico do RS. “Estamos produzindo conteúdos exclusivos para mostrar as potencialidades do Estado. Tudo isso no intuito de incentivar o desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul.”

O presidente da Fiergs, Gilberto Petry, também manifestou, por meio de vídeo, sua solidariedade às vítimas dos estragos causados pelas chuvas no Estado e ressaltou as iniciativas da instituição para reerguer a economia do Vale do Taquari. O gerente regional do BRDE em Passo Fundo,

Alexandre Barros, afirmou que o Mapa Econômico “tem total aderência com a identidade do banco, que é promover o desenvolvimento econômico do Sul”.

O secretário de Desenvolvimento Econômico de Passo Fundo, Diorges Oliveira, celebrou a escolha do município para sediar a discussão sobre as regiões Norte, Noroeste e Missões. “É oportuno porque a nossa região está crescendo a passos largos. Temos uma ligação forte com o agronegócio e temos expertise em desenvolvimento. Nossa região tem oportunidades de negócio e muita qualidade de vida”, ponderou.

## Desenvolvimento ligado à educação

Reitora da Universidade de Passo Fundo (UPF), Bernadete Dalmolin destacou que a educação está ligada ao desenvolvimento de todos os setores da economia. Em uma região que concentra 17% do PIB gaúcho, a universidade, criada há 55 anos, tem cada vez mais promovido o capital humano para as inovações que o setor produtivo demanda. “Vivemos um tempo disruptivo. E essa é uma grande oportunidade que tem sido aproveitada pelo setor da educação para desenvolver talentos e lideranças”, aponta Bernadete, que defendeu a ampliação de investimentos na qualidade da educação básica e pública.



TÂNIA MEINERZ/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

## Novas culturas para produção de etanol

“Hoje o Rio Grande do Sul importa de outros estados 99% do etanol que é consumido aqui. Foi neste contexto que vimos a oportunidade para inovarmos mais uma vez na produção, assim como fizemos quando iniciamos a produção do biodiesel”, relatou o diretor financeiro da Be8, Carlos Mostardeiro. A Be8 planeja produzir etanol com o trigo gaúcho. “Hoje beneficiamos 10 mil famílias de produtores e a perspectiva é chegarmos a mais 15 mil produtores familiares, e não será preciso tirar o trigo da produção do pão. É uma planta especialmente desenvolvida pela Embrapa”, explicou.

## Irrigação para impulsionar o agro

O diretor de Produção Agrícola da Cotripal, João Carlos Pires, avaliou como prioritários investimentos na irrigação e na agricultura de precisão cada vez mais disseminada no Estado. “Precisamos ter segurança para trabalhar porque o clima está muito imprevisível”, considerou, apontando a importância da tecnologia para avanços na técnica de levar água às plantações. “Há ainda os nossos limites logísticos. Podemos dobrar a produção de trigo, mas o Estado tem 15 milhões de toneladas de déficit na capacidade de armazenamento”, completou.



TÂNIA MEINERZ/JC

## Turismo



GRANDE PROJETO MISSÕES/DIVULGAÇÃO/JC

Ainda falta gestão mais planejada e profissional para que o turismo na região das Missões deslanche

# Patrimônio da humanidade é vitrine para o Estado

**Rota das Missões abrange 27 municípios do Rio Grande do Sul**

Eduardo Torres  
economia@jornaldocomercio.com.br

O único patrimônio cultural listado pela Unesco no Sul do Brasil é, naturalmente, um símbolo da história e do potencial turístico em qualquer lugar. As Missões Jesuítico-Guaranis, que abrangem 27 municípios dentro da chamada Rota das Missões, apresentam-se como uma grande oportunidade para fazer com que o turismo finalmente decole no Noroeste do Estado.

“Temos uma história riquíssima. Nosso trabalho tem sido o de despertar a consciência dos próprios gaúchos de que o Rio Grande do Sul só existe hoje porque houve as Missões. Foi nelas que a cultura do gado, da erva-mate, por exemplo, começou. No entanto, ainda falta gestão mais planejada e profissional para o turismo na região. Há alguns roteiros, como o Caminho das Missões, mas são organizações isoladas e nada profissionais. É um potencial que ainda não se tornou concreto”, avalia o coordenador do Grande Projeto Missões, o engenheiro

Álvaro Medeiros Theisen.

O movimento é independente, com o apoio de entidades da região e da associação dos municípios das Missões. Entre os objetivos do projeto, aponta Theisen, está a implementação de um plano regional de turismo, que poderá organizar os roteiros, gerir melhorias estruturais e atrair investimentos para a recuperação do que torna as Missões um patrimônio cultural atrativo para visitantes.

Pelo plano, que já foi apresentado ao governo estadual, com o objetivo de criação de um braço do Programa Avançar específico das Missões, seria possível garantir atrações turísticas em toda a região com uma estimativa de 30 horas para que o turista possa desfrutar de todos os tesouros históricos locais. Na prática, seriam três dias de permanência de um visitante nos municípios das Missões.

“Hoje, com as atrações já existentes e dispersas, entre quatro a seis horas é possível esgotar a programação. Em São Miguel das Missões, por exemplo, chega-se a 80 mil visitantes por ano, mas 80% deles são estudantes em passeios escolares, que são importantes, mas não garantem o desenvolvimento de todos os serviços inerentes ao

turismo. Temos consciência de que o nível de atratividade é que transformará este cenário”, diz.

Outro destino já existente, mas pouco estruturado, é o caminho ao Santuário do Caaró, em Caibaté, onde os padres jesuítas Roque Gonzales e Afonso Rodrigues foram martirizados. Atualmente, o local já recebe anualmente pelo menos 20 mil pessoas em romaria e é visto como um ponto de alto potencial para o turismo religioso, em expansão em todo o Estado.

Se retirado do papel o plano de turismo desenvolvido pelo grupo, Álvaro Theisen garante: em 10 anos, serão 1 milhão de turistas visitando as Missões. A mobilização para transformar as Missões em grande oportunidade regional garantiu, no ano passado, a aprovação pela Assembleia Legislativa da Lei Pró-Missões, uma espécie de Lei de Incentivo à Cultura específica para projetos que beneficiem o patrimônio reconhecido pela Unesco, com destinação do ICMS de empresas para patrocínios culturais com a temática missioneira. Pelo levantamento feito pelo Grande Projeto Missões, seria possível arrecadar até R\$ 20 milhões por ano. Resta ao governo estadual regulamentar a lei.

## Maior queda d'água longitudinal está às margens do Rio Uruguai

É no Rio Uruguai que se forma o Salto do Yucumã, a maior queda d'água longitudinal do mundo, com 1,8 quilômetro de extensão. A atração fica no Parque Estadual do Turvo, a maior área florestal preservada do RS, no município de Derrubadas, no limite com a Argentina e com Santa Catarina. Na região, o clima é de expectativa por uma transformação no turismo ecológico desde o ano passado, quando o grupo Macuco Safari, o mesmo que faz a gestão do Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, venceu a licitação para a gestão do Parque do Turvo. O plano de operação da concessionária ainda está sendo analisado pelo governo estadual.

“O turismo hoje já movimenta as propriedades rurais e o comércio local, mas acredito que, com o potencial de investimentos da iniciativa privada, criando maior infraestrutura, a formalização de todos os serviços relacionados ao turismo vai ampliar muito. Hoje, por exemplo, ainda não

contamos com um hotel”, diz a secretária municipal de Turismo de Derrubadas, Angelita dos Santos.

Desde 2019, por meio de um convênio com o Estado, a exploração turística é feita pelo município. E o que se viu foi uma transformação. A média de visitantes anuais saltou de 12 mil para 33 mil – número, inclusive, prejudicado pela pandemia –, vindos de 23 estados brasileiros e 36 países. Derrubadas, com menos 3 mil habitantes, tem 50 cachoeiras e o turismo rural em pleno desenvolvimento.

Uma empresa com atuação no ramo hoteleiro já adquiriu uma área próxima ao parque estadual. E os 22 municípios que formam a chamada Rota do Yucumã têm ampliado o número de vagas para treinamento de mão de obra no turismo.

Pelo contrato de concessão, nos seis primeiros anos serão investidos R\$ 11,9 milhões, com previsão de retorno, em tributos municipais, de R\$ 5,7 milhões.

PAOLA STUMPF/DIVULGAÇÃO/JC



Salto do Yucumã fica no Parque Estadual do Turvo, em Derrubadas

### Principais atrações nas Missões

- Sítio Arqueológico da Redução de São Miguel (São Miguel das Missões)
- Centro Histórico da Redução de Santo Ângelo Custódio (Santo Ângelo)
- Sítio Arqueológico da Redução de São João Batista (Entre Ijuís)
- Sítio Arqueológico da Redução de São Nicolau (São Nicolau)
- Santuário de Caaró (Caibaté)
- Belezas naturais e pesca no Rio Uruguai (Porto Xavier)

### Atrações no Rio Uruguai

- Parque Estadual do Turvo (Derrubadas)
- Pesca esportiva (Porto Xavier)

No Mapa  
Econômico e Social  
do RS, a **Indústria**  
é o caminho.

 **São  
50 mil**

fábricas em atividade  
no Rio Grande do Sul

 **São  
800 mil**

peças empregadas  
diretamente

 **O futuro passa  
pela Indústria**



**ONDE TEM GENTE, TEM INDÚSTRIA.**

**FIERGS**

 [fiergs.org.br](http://fiergs.org.br)